

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MÁRIO PASSALA VELHO

AS ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA
DE ANGOLA (IELA) NO CONTEXTO ATUAL DE ANGOLA

São Leopoldo

2012

MÁRIO PASSALA VELHO

AS ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA
DE ANGOLA (IELA) NO CONTEXTO ATUAL DE ANGOLA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e
Cuidado

Orientador: Roberto Ervino Zwetsch

Segundo Avaliador: Flávio Schmitt

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V436e Velho, Mário Passala

As estratégias missionárias da Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) no contexto atual de Angola / Mário Passala Velho ; orientador Roberto Ervino Zwetsch. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

74 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Missões – África. 2. Missão da igreja. 3. Igreja Evangélica Luterana de Angola. I. Zwetsch, Roberto Ervino. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MÁRIO PASSALA VELHO

AS ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA
DE ANGOLA (IELA) NO CONTEXTO ATUAL DE ANGOLA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e
Cuidado

Data:

Roberto Ervino Zwetsch - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

Flávio Schmitt - Doutor em Ciências da Religião - Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

Pela Graças de Deus o trabalho aturado chegou ao fim. O meu profundo agradecimento de coração dirige-se:

À Santa Trindade:

Ao Pai Celestial pela Sua misericórdia e benignidade. Ele nos predestinou, chamou, separou e providenciou tudo para nossa formação sólida para a Sua Seara;

Ao nosso Senhor Jesus Cristo, garantia do perdão, bênção e salvação divina. Ele que é a propiciação dos nossos pecados e o único Advogado válido diante do Pai Celeste, Jesus que é a vida pela qual temos acesso livre diante de Deus Pai;

Ao Espírito Santo, nosso “ajudador”, o Mestre por excelência em toda a nossa aprendizagem, Conselheiro sem par nos momentos de aflição, Consolador amigo e a Suma garantia que nos dá a certeza da fidelidade de Deus na nossa vida;

Às Instituições:

À Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA), por ter aceite o nosso pedido de continuação dos estudos e nos ter acompanhado nas orações por todo este tempo;

À Missão Evangélica Luterana Finlandesa (MELF), por ter nos garantido os recursos financeiros para nosso sustento por um período de 2 anos;

À Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil (IECLB), por ter facilitado as conversações com as Faculdade EST;

À Direção das faculdade EST, por ter aceite o nosso pedido de ingresso em suas dependências e por todo o apoio que nos ofereceu desde a própria formação, assim como o apoio material e moral, sobretudo nos momentos mais difíceis que passamos na escola;

Às individualidades:

À minha querida e amada esposa e filhos que tanto careceram da minha presença para brincar;

À Irmã Isolde Mohr Frank e seu esposo que sempre estiveram ao nosso lado, nos ajudando moral, material e financeiramente;

Ao Helio Teixeira por ter ajudado na formatação do trabalho;

Ao Pr. Paulo António Sambo e sua esposa, pelo encorajamento, apoio moral e material;

Ao Pr. António Alfredo Barros e esposa, pelo aconselhamento, desempenhando desde a primeira hora o papel de padrinho e madrinha;

Ao amado orientador Roberto Ervino Zwetsch que sempre esteve pronto para auxiliar e dar-me orientações precisas em qualquer momento e a sua esposa muita consideração e respeito por apoiar o trabalho do seu esposo;

A todos anónimos que direta ou indiretamente se envolveram neste projeto através de orações.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho,

À querida esposa Raquel Futy, pelos seus dotes de esposa (verdadeira companheira auxiliadora) e acima de tudo, verdadeira serva de Deus.

Ao querido e queridas filho e filhas; Mário, Gina, Marsónia, Marisa, Mila e Kaisa que embora crianças e adolescentes compreendiam quando o pai se encontrava atarefado;

Aos membros da Igreja Evangélica Luterana de Angola da congregação de Cabinda, Luanda, Lubango, Huambo, Uige, Moxico e Namibe que incansavelmente oravam por nós;

Aos colegas Pastores e suas esposas de todas as congregações, pela compreensão no atraso de envio de documentos e pelas orações;

Aos professores e casais

A todos e todas colegas das Faculdades EST que puderam partilhar conosco os momentos difíceis, em particular aqueles que partilharam o quarto e cozinha comigo;

Aos colegas de trabalho Tomás Ndawanapo e esposa Isabel, Higinio Zeferino Calongolo e esposa, Ester Lipitua e esposo, Justina Ndesihafela Nghilime, Jacob Numa e esposa, Camaty Eliseu Catenha Tchivala, Wilka Letuya Ileimo Kanguma, pelo apoio multifacetado que nos prestaram e seu encorajamento;

Aos irmãos na fé: Lourenço Kotele e esposa, Nzila Nzola e esposa, Hilário Cachindele e esposa, Eugénio Caia e esposa, Pr. Paulo Vicente e esposa, Cicílio, Pr. Java Caiove e esposa, Victorino Angelino, Pr. Azevedo Bango Ngueve e esposa, Pr. José António Marques e esposa, Pr. David Tchivala.

RESUMO

O presente trabalho intenta analisar as estratégias missionárias de caráter luterano que vêm sendo desenvolvidas no contexto da Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) desde seu surgimento até os dias atuais. As condições sociais e políticas, as dificuldades econômicas e os conflitos bélicos têm se caracterizado como uma atmosfera de muitas limitações para o trabalho missionário da IELA, pois as condições vêm se apresentando sempre em meio a dificuldades geopolíticas muito limitadoras para a ação missionária e o cuidado pastoral. A IELA busca caminhos que apontem na direção da autonomia em sentido amplo. Para tanto, a pesquisa quer ajudar na compreensão do contexto em que a mesma se encontra, permitindo assim certa percepção dos limites e das possibilidades do trabalho missionário luterano em Angola.

Palavras-chave: Missão. Contexto. Ação missionária da Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA).

ABSTRACT

This paper attempts to analyze the missionary strategies of Lutheran character that have been developed in the context of the Evangelical Lutheran Church of Angola (ELCA) since its inception to the present day. The social and political conditions, economic difficulties and armed conflicts have been characterized as an atmosphere of many limitations to the missionary work of the ELCA, because the conditions are always presenting themselves in the midst of very limiting geopolitical difficulties of missionary work and pastoral care. The ELCA search paths that toward autonomy in the broad sense. To this end, the research wants to help in understanding the context in which it is allowing certain perception of the limits and possibilities of a lutheran missionary action in Angola.

Keywords: Mission. Context. Missionary action of the Evangelical Lutheran Church of Angola (ELCA).

LISTA DE SIGLAS

MIC – Missão para o Interior da China

BMS – Baptist Missionry Society

MELF – Missão Evangélica Luterana Finlandesa

IELSA – Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola

IELA – Igreja Evangélica Luterana de Angola

IECA – Igreja Evangélica Congregacional de Angola

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

FAPLA – Forças Armadas Popular de Libertação de Angola

FLEC – Forças de Libertação do Enclave de Cabinda

IECLA – Igreja Evangélica da Confissão Luterana em Angola

ISTEL - Instituto Superior de Teologia Evangélica no Lubango

ELCIN – Igreja Evangélica Luterana da Namíbia

FLM – Federação Luterana Mundial

UIEA – União das Igrejas Evangélicas de Angola

EST – Escola Superior de Teologia

PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado

Pr – Pastor

Pr^a – Pastora

Rev – Reverendo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A AÇÃO MISSIONÁRIA NO CONTEXTO DO NOVO TESTAMENTO	15
1.3 A ação missionária de Jesus	20
1.4 A ação missionária de Paulo	21
1.4.1 <i>Estratégia de caráter pessoal</i>	23
1.4.2 <i>Estratégia de caráter urbano</i>	24
1.4.3 <i>Estratégia provincial e global</i>	25
1.4.4 <i>Tipos de estratégia</i>	26
1.4.5 <i>O conteúdo da missão</i>	28
1.4.6 <i>A evangelização dos judeus</i>	29
1.4.7 <i>Recurso às Escrituras</i>	30
1.4.8 <i>Na evangelização dos gentios</i>	31
2 ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DA IELA	33
2.1 As etapas da implantação	33
2.1.1 <i>No Cunene</i>	34
2.1.2 <i>O trabalho missionário dos alemães</i>	36
2.1.3 <i>O trabalho missionário dos angolanos</i>	37
2.1.4 <i>O trabalho missionário dos finlandeses</i>	38
2.1.5 <i>O trabalho missionário em Cabinda</i>	38
2.2 A unificação	40
2.2.1 <i>O percurso estratégico da IELA</i>	43
2.2.2 <i>Dificuldades missionárias do primeiro século</i>	44
2.2.3 <i>Dificuldades missionárias da Missão Luterana em Angola</i>	46
2.3 Parceria entre a MELF e a IELA	48
2.3.1 <i>A base teológica e os princípios de cooperação da MELF</i>	48
2.3.2 <i>A base teológica e os princípios de cooperação da IELA</i>	52
2.3.3 <i>Contribuições mútuas entre a IELA e a MELF</i>	52

3 ANÁLISE CRÍTICA DA ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DA IELA E PERSPECTIVAS	58
3.1 Análise Crítica da Ação Missionária da IELA	58
3.2 A necessidade da elaboração de uma estratégia missionária	61
3.3 Perspectivas para o Futuro	62
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS.....	73

INTRODUÇÃO

Angola é um país com uma extensão de 2.246.700 Km quadrados e com uma cultura diversificada. Duma forma geral todas as tribos ou povos crêem num Ser superior e procuram a todo custo buscar este Ser superior. Outra realidade de Angola é a guerra civil que assolou este país cerca de 30 anos. Isto fez com que vários povos abandonassem as suas áreas de origem e se refugassem em zonas seguras. Agora graças ao Senhor a guerra terminou, o país está em reconstrução, muita população está a regressar na sua terra natal e a comunicação com os outros povos é uma realidade. Vemos Angola um país enquadrado na globalização quer dizer Angola de hoje não é mesmo de ontem. Será que a Igreja Angolana numa forma em geral e em particular a Igreja Evangélica Luterana de Angola está ciente disto? Está acompanhar estas mudanças da sociedade? Se está acompanhar as mudanças atualiza as suas estratégias de Missão? Ou as estratégias dos primeiros missionários são as mesmas que continuam a funcionar até agora?

Estas são as questões que este trabalho de pesquisa sobre *Como fazer Missão no Contexto atual de Angola vai procurar responder*. Por meio deste trabalho, o leitor e a leitora ficarão esclarecidos como as Missões chegaram e atuaram em África em geral e em particular em Angola. E como a Igreja Evangélica Luterana de Angola – IELA, tem feito a Missão, analisando os sucessos e as dificuldades que há em fazer Missão. A partir daí vamos despertar a Igreja Evangélica Luterana de Angola – IELA que os tempos de ontem não são os mesmos de hoje, dando a nossa contribuição de como fazer Missão hoje dentro do contexto Angolano.

Três capítulos abordarão o referido tema: O primeiro capítulo olhará nas estratégias missionárias bíblicas, especificamente no novo testamento, vendo a acção missionária de Jesus e a acção missionária dos apóstolos a exemplo de Paulo. Mencionaram-se as quatro conhecidas estratégias missionárias como seguem: “solução padrão”, “deixar acontecer”, “planeamento parcial” e “solução padrão” que vai caracterizar as acções quer individuais quer colectivas na obediência divina. O segundo capítulo irá abordar a estratégia missionária da IELA onde narra-se as etapas de implantação da IELA, circunscrita às localidades do Cunene e Cabinda pelos atores missionários estrangeiros e angolanos. Segue-se o percurso estratégico do urbano ao rural (vice-versa) e as dificuldades deparadas no

primeiro século e pela missão luterana, finalizando com a parceria entre MELF e a IELA. No terceiro capítulo, sobre a análise crítica, da estratégia da IELA e perspectivas. Neste sentido entende-se analisar a compatibilidade com os procedimentos em direcção à estratégia teológico-bíblica do Novo Testamento e sugerir as indispensáveis contribuições e correcções.

Finalmente, na conclusão far-se-á um resumo das reflexões feitas e a validade e aplicabilidade atual da estratégia teológico-bíblica para a IELA.

Esperamos, pois que esta pesquisa sirva aos propósitos da IELA no que se refere a atualização das estratégias missionárias.

1 A AÇÃO MISSIONÁRIA NO CONTEXTO DO NOVO TESTAMENTO

1.1 Breve contextualização da IELA em Angola

As ações missionárias em Angola tiveram início na região sul do país a partir do trabalho de missionários enviados pela Sociedade alemã Rhcnish Sending, entre os anos de 1871 e 1915. Dentre este período, concentraram-se as ações em determinados lugares e quatro pontos de pregação foram instituídos na região do reino Kwanyama. A primeira notícia que se tem de um ofício batismal ocorreu com a presença de treze pessoas, e foi realizado em Omupanda no ano de 1895. Depois disso, ocorreu outro ofício em Ondjiva já no ano de 1897. Por causa das questões sociais e políticas daquele momento histórico, os evangélicos luteranos de Angola precisaram que deixar a região em 1915, dirigindo-se então à região setentrional da Namíbia.¹

Em 1933, estes mesmos evangélicos luteranos voltaram da Namíbia para seu país de origem, Angola, e deram início à pregação do Evangelho na região sul da nação. O trabalho foi auxiliado pela Igreja Evangélica Luterana de Namíbia (ELCIN). No ano de 1954, a ELCIN enviou o primeiro pastor para Angola, e, em 1952, o segundo.²

A IELA tem alguns mártires em sua história. Missionários angolanos e, também, estrangeiros foram mortos enquanto realizavam suas tarefas. As atividades missionárias de caráter luterano foram tolhidas por ações do sistema colonial português. Muitas ações de retaliação foram tomadas pela Igreja Católica, por exemplo, a missão luterana de Omupanda, que foi ocupada com o auxílio do Estado Português, que naquele tempo tinha no catolicismo romano um de seus braços ideológicos fortes.

A Missão Luterana de Oshitota/Namayaka foi fundada em 1955 pelo Pastor Simson Ndatipo, já a Missão Luterana de Shangalala, o Pastor Noé Ndeutapo foi seu fundador, no ano de 1965. Ainda outro grupo de luteranos foi formado na República Democrática do Congo. O Pastor Paulo António Sambo deu início num

¹ LUTHERAN COMMUNION IN SOUTHERN AFRICA: a sub-region of Lutheran World Federation: Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA). Disponível em: <<http://www.lucsa.org/about-us/member-churches/angola-iel.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

² HENDERSON, Laurence W. *A igreja em Angola*. Lisboa: Além Mar, 1990. p. 17.

projeto missionário em Cabinda que se estendeu até Luanda e de lá para Huambo. Em 1994, as duas igrejas foram unidas.

Os trabalhos missionários em Angola tiveram, desde seus inícios, dois inimigos fundamentais: os quais eram a guerra e as dificuldades econômicas. A missão procurou realizar tarefas junto a escolas e hospitais, sem que fossem implantadas instituições dessa natureza por parte da IELA, mesmo havendo planejamento para que as mesmas viessem à luz, porém, a escassez de recursos financeiros impediu tal empreendimento. Ao longo de 44 anos, respectivamente de 1871 a 1915, a IELA obteve um crescimento numérico de 1.200 membros. Um dos fatores mais consideráveis no fraco crescimento numérico da IELA, deveu-se – muito provavelmente – ao estabelecimento do Tratado de Berlim, realizado entre 19 de Novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, no qual houve a divisão da África como despojo da Europa.³

Após a Conferência de Berlim, a Alemanha e Portugal passaram a disputar territórios e fronteiras entre os territórios que já estavam sob domínio português e outros que eram de interesse inglês. Os portugueses tiveram suas pretensões de ocupação africana impedida pela Inglaterra que, por uma série de conflitos diplomáticos, acabou impondo ao país ibérico o domínio sobre Moçambique e Angola, somente. Para garantir esse domínio de fato, Portugal moveu conflitos contra os reinos locais de Gambos, Humbes, Mbadjas e Kwanyamas. Porém, como a Alemanha vinha realizando um tipo de colonização cultural por meio da evangelização protestante, via de regra, esta última região, Kwanyamas, fora a primeira a ser evangelizada pelos missionários alemães. Desta forma, quando os portugueses chegaram à região já em inícios do século XX, a área do Cunene, passaram a incorporar de maneira violenta à Igreja Católica Romana todas as nove congregações luteranas do reino do Kwanham.

Atualmente, a IELA tem aproximadamente 30.000 membros, os quais distribuídos em 9 distritos e 44 congregações. Conta com cinquenta e seis (56) pastores, dos quais cinco são Mulheres, vinte e cinco (25) evangelistas, dentre os

³ CHARLES, Arlindo José; MARQUES DE SÁ, Lucilene Antunes Correia. Cartografia Histórica da África: mapa cor de rosa. 1º SIMPÓSIO BRASILEIRO de Cartografia Histórica: passado presente nos velhos mapas: conhecimento e poder. Paraty, 10 a 13 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CHARLES_ARLINDO_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2011.

quais três são mulheres, vinte (20) diáconos, dos quais também há dezassete mulheres, e cinco (5) missionários nativos, entre eles três mulheres.⁴

Hoje em dia, a maior parte dos pastores e obreiros da IELA, que trabalham efetivamente nas congregações, têm sobrevivido pelo esforço próprio a partir do trabalho na terra e com animais (cabritos e bois), os quais são, em muitos casos, do grupo ou de parentes. No ano de 2005, o conselho executivo da IELA tomou a decisão de que os pastores e obreiros passariam a ser inseridos nas áreas de educação e de saúde. Isso os ajudaria a ter um emprego que lhes assegurasse um salário mais digno. Porém, verifica-se que esta condição de trabalho parcial somente fica à disposição de pastores e obreiros que trabalhem nas congregações, não sendo possível aos que trabalhem em cargos de direção mais administrativa, e em tempo integral. Fica muito difícil trabalhar para a IELA e para o Estado paralelamente.

1.2 Missão no NT e a autoridade de Jesus

No Novo Testamento (NT) existem vários paradigmas de missão.⁵ Cada situação vivenciada pelas comunidades, agregadas ao redor da fé em Jesus, experimentavam determinadas necessidades de respostas aos problemas levantados. Não se trata de modelos diferentes, mas de aplicações distintas a partir de um mesmo centro, ou seja, a fé no Filho de Deus por meio do Evento da Páscoa: a ressurreição! As próprias perícopes, de acordo com Bultmann, são resultado de perspectivas específicas, criadas e desenvolvidas em situações concretas que precisavam ser encaradas pelas comunidades.⁶ Essas perícopes foram reunidas e difundidas como modelos para outras comunidades que vivenciavam situações semelhantes.

Os relatos do NT não são tidos pelas igrejas como simples biografias ou relatos verdadeiros no sentido histórico. São antes de tudo, testemunho de fé diante de um mundo que negava-lhes autonomia e crédito de dignidade. Por isso, no NT encontramos os temas relacionados à vida cotidiana das comunidades e seus

⁴ LUTHERAN COMMUNION IN SOUTHERN AFRICA: a sub-region of Lutheran World Federation: Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA). Disponível em: <<http://www.lucsa.org/about-us/member-churches/angola-iel.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

⁵ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2002. p. 15.

⁶ BULTMANN, Rudolf Karl. *Historia de la tradicion sinoptica*. Salamanca: Sígueme, 2000. *passim*.

problemas. Esses problemas iam desde a possibilidade de as mulheres serem tidas por iguais na comunhão (Gl 3.28) e seu testemunho ser aceito diante dos homens (Mt 28.1-11) até questões de desigualdade social (Tg 2.1-13) e de aceitação das diferenças étnicas (Lc 10.25-37).

A mensagem do NT está posta em contextos de afirmação da dignidade da pessoa por meio do sacrifício de Jesus na cruz. É por meio desse acontecimento que as ações de proclamação das comunidades se desenvolvem. Cada parte que está registada no NT é uma parte de uma mensagem ao ser humano, é a proclamação de uma *boa notícia* que agrada aqueles que são humildes de coração e desagrada aqueles soberbos em suas ações (Lc 1. 46-56). Esse conjunto de perspectivas é um todo missionário que aponta para o Cristo ressurreto.

Do começo ao fim, o Novo Testamento é um livro missionário. Ele deve sua própria existência ao trabalho missionário das igrejas cristãs primitivas, tanto a judia quanto a helenística. Os Evangelhos são recordações vivas da pregação missionária, e as epístolas, mais do que uma forma de apologética missionária, são instrumentos atuais e autênticos do trabalho missionário.⁷

O fato de existirem quatro versões a respeito dos principais acontecimentos da vida de Jesus, diga-se bem: aqueles considerados importantes para a vida das comunidades e que mostre a relevância de sua obra, mostra a multiplicidade de perspectivas que as próprias comunidades tinham a respeito d'Ele. O próprio NT colocado em forma sinótica indica a complementaridade das perspectivas.⁸

Segundo David Bosch, a *Missio Dei* não é a missão da Igreja ou das igrejas, mas sim do próprio Deus. A *missão é de Deus*, ela é compartilhada com o ser humano assim como outras coisas; a sua imagem, por exemplo (Gn 1.27). A *Missio Dei* está estruturada a partir da leitura que a tradição cristã realizou da trindade de Deus. Segundo a tradição exegética, o grande envio que Jesus postulou às comunidades que o seguiam está organizada no Evangelho de Mateus em um “quiasmo” que indica a relação interna da trindade divina e sua conseqüente relação com o ser humano.⁹

⁷ Johannes VERKUYL *apud* REIS, Gildásio. *Paradigmas missiológicos no Novo Testamento*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/missoes/paradigmas-missoes_gildasio.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2011.

⁸ BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 431.

⁹ BOSCH, 2002, p. 57.

- A) Toda autoridade me foi dada no céu e na terra → **O Pai dá ao Filho a Onipotência.**
- B) Portanto, fazei discípulos de todas as nações, → **Mandato: fazer entre as nações discípulos do Filho.**
Batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. → **Batizar as nações em o nome Triuno.**
- B) ensinando-os a guardar todas as coisas → **Mandato: ensinado-lhes a obedecerem o Filho.**
 que vos tenho ensinado
- A) E eis que estou convosco todos os dias → **Promessa do Filho por meio do Espírito.**
 até a consumação dos séculos

Nesta estrutura, a relação dialógica do Pai com o Filho e com o Espírito é estabelecida como a estrutura da relação que o próprio Deus tem com os seres humanos. A relação da trindade se pauta pela *quenósis*, isso quer dizer que a relação entre as pessoas da trindade está sempre direcionada ao esvaziamento que proporciona a elevação digna da “outra” pessoa. Sempre que Jesus se esvazia, é a Deus quem Ele glorifica; e sempre que o Pai concede ao Filho a dignidade da ação encarnada, é a Ele mesmo quem se direciona a glória. O Espírito agindo na vida das pessoas também é glorificado a partir da percepção de que quem o concede é o mesmo Pai de Jesus. Essa relação dialógica promove a ação dinâmica entre as pessoas que, por sua vez, está correlacionada à vivência humana, esta tendo no exemplo da trindade divina a forma de como agir em relação uns aos outros.

A assim conhecida Grande Comissão é o auge de toda uma maneira de agir missionário que o NT relata. Trata-se da autoridade delegada ao Filho de Deus por meio de sua obediência até à morte na cruz. Todos os títulos referentes a Jesus passam por este viés. A missão em sentido universal decorre de um plano dado e levado a cabo por Jesus, isto é, sua missão como aquele que vai às últimas consequências por amor do mandato do Pai e ao ser humano. A entrega da autoridade do Pai ao Filho tem como referência horizontal a maneira apocalíptica e escatológica da tradição bíblico-judaica descrita, dentre outras, no livro do profeta Daniel 7. 13-14. Nele, lê-se o seguinte:

[...] um como Filho do Homem [...] dirigiu-se ao Ancião de dia, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.

A autoridade de Jesus é colocada assim em todo o NT como o princípio que delinea a missão. Dentre os títulos que outorgam autoridade a Jesus no Evangelho de Mateus podem ser conferidos os seguintes: Filho de Davi (1.1), Filho de Abraão (1.1), Senhor e Filho do Homem (8.20; 9.6; 10.23; 11.19; 12.8; 32.40; 13.37, 41;

16.13, 27-28; 17.9,12,22; 19.28; 20.18; 20.28; 24.27, 30, 37, 39, 44; 25.31; 26.2, 24, 45, 64), Filho de Deus (8.29; 14.33; 26.63; 27.40, 54). Enfim, a missão nos Evangelhos está fundamentada na autoridade de Jesus, e esta autoridade emana de sua obediência ao Pai e de sua ligação com os cumprimentos das expectativas messiânicas (Jo 5.19-47).

Vale a pena lembrar que o tema da missão pautado na Grande Comissão como algo direcionado à conversão transcultural de uma determinada cultura para outra apareceu com William Carey (1761-1834), um missionário inglês que trabalhava na Índia no século XIX.¹⁰ Mas há mal-entendidos que vêm sendo perpetrados na história da Igreja Cristã a respeito deste conceito e mandato. A Grande Comissão tem sido um texto tomado isoladamente para justificar a cooptação cultural. Confunde-se conversão ao Cristo com conversão cultural. Na verdade, segundo Bosch, não existe uma Grande Comissão como nossas bíblias colocam, mas simplesmente a missão de Jesus para a qual ele convoca sua comunidade de discípulas e discípulos a tomarem parte na Nova Criação.¹¹

1.3 A ação missionária de Jesus

A ação missionária de Jesus é descrita como um caminhar junto aos pobres de espírito (Mt 5.3), um caminhar junto às mulheres (Lc 8.1-3; Jo 4.1-18), junto às multidões famintas (Jo 6.1-15), junto aos discípulos que não entendiam as Escrituras (Lc 24.13-34), junto aos doentes (Mt 8.1-17), junto aos gentios (Mt 15.21-28), junto às crianças (Mt 19.13-15), junto aos ricos apegados à sua riqueza (Mc 10.17-22) e aos ricos que resolvem se apegar aos valores que realmente importam (Lc 5.27-28), mostrando que ele mesmo era o caminho (Jo 14.6) e sendo considerado como o *Caminho* (At 9.2). Em suma, Jesus tem uma missão fundamentalmente pedagógica e escatológica (o reino de Deus se aproxima definitivamente com ele da humanidade (cf. Parábolas!).

A ação missionária de Jesus é de ensino. Não apenas em palavras, mas em atitudes e exemplos práticos que ultrapassam a simples vivência baseada na antiga forma da compensação, a Lei fo Talião dos orinetais ou o *Do ut des* dos romanos. Ele ultrapassa as expectativas do amor ao próximo. Ele vai além, vai além da

¹⁰ GEORGE, Timothy. *Fiel testemunha: vida e obra de William Carey*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

¹¹ BOSCH, 2002, p. 43.

compreensão humana (1 Co 13.1-13). Jesus é como um rabino que ensina com autoridade (Mc 1.17). É como alguém que toma a frente e diz: “vem e segue-me” (Lc 5.27-28). Não um seguimento apenas em questões teóricas e abstratas, mas um seguimento até Jerusalém, isto é, um seguir junto em seu batismo (Mt 20.22-23) que proíbe a falta de reflexão e a apressada divulgação sem compromisso (Mc 14.27-31). É um seguimento ou discipulado até o local em que Deus deseja que sua vontade seja feita (Mc 10.32-34).

A ação missionária de Jesus tem um aspecto pedagógico e instrutivo. No entanto, possui um elemento de outorgamento de autoridade, algo que inicia um novo tempo. A partir da autoridade de Jesus é que a missão é instalada e impulsionada a todas as nações da terra. Por meio de sua autoridade é que a missão vai seguir a todas as partes da terra. Sua autoridade advém de sua obediência e de sua ação querigmática, isto é, seu esvaziamento e despojamento de sua natureza divina em favor do ser humano (Fl 2.5-11). A missão sem esse aspecto degenera em arrogância e esta torna a missão uma cruzada, com todas as terríveis consequências históricas que conhecemos do final da Idade Média. Todas as vezes em que a missão toma dos aspectos belicosos atitudes estratégicas, que ignoram a possibilidade do diálogo, a missão se torna realmente, como bem designa o termo tomado da tradição romana, algo *belicum*. Talvez aqui valha aquele provérbio latino: *ante bellum, memento mori!* (antes da guerra, lembra dos mortos). Isto é, antes de qualquer atitude belicista, é bom lembrar que a natureza do Evangelho é a opção pelo amor, mesmo que isso signifique o esvaziamento (talvez!) completo da forma como as igrejas se apresentam.¹² A opção de Jesus foi em favor da paz e do amor ao ser humano, especialmente para aqueles e aquelas mais fragilizados pelas sociedades humanas.

1.4 A ação missionária de Paulo

Os apóstolos em obediência ao mandato do Senhor que encontramos em Marcos 16:15, logo após a morte do mestre, envolveram-se na ação missionária. Para desenvolvermos isto daremos exemplo da ação missionária do apóstolo Paulo

¹² Tomando da tradição latina a concepção belicista de *missio* (missão), os Jesuítas disseminaram a nova concepção atrelada ao sentido expresso pela palavra “apostolein” como a atividade daquelas pessoas comissionadas (apostoladas) por Jesus a pregarem as Boas Novas. BOSCH, 2002, p. 17.

(aquele que nasceu fora do tempo!) e veremos como ele se envolveu na ação missionária do evangelho de Cristo.

O apóstolo Paulo ao envolver-se na ação missionária cristã, a partir da comunidade de Antioquia, conforme nos relata Lucas em Atos dos Apóstolos, montou uma estratégia urbana e de envolvimento de pessoas e classes chaves. Paulo era cidadão romano e de tradição urbana. Foi formado na escola do rabino Gamaliel. Olhando para aquilo que Paulo fazia ao ir em primeiro lugar nos centros estratégicos que permitiriam avançar com o evangelho no seu tempo, percebe-se que ele tinha uma estratégia de dimensão ampla. Paulo é visto como modelo do trabalho missionário. O que o apóstolo escreveu sobre missão e sobre o seu plano de missão nos capacita a entendê-lo como um dos homens mais hábeis da igreja primitiva na compreensão de sua vocação e como tentou concretizá-la. Certamente não estaremos errados ao supormos que pelo menos alguns dos seus ideais eram compartilhados por seus irmãos cristãos.

De acordo com Hesselgrave, citando Allen, Paulo elaborou uma estratégia missionária, pois pode-se contatar que “todas as cidades onde implantava igrejas eram centro da administração romana, da civilização grega, da influência judaica, ou dalguma importância comercial”.¹³ O direcionamento estratégico de Paulo releva as vantagens naturais. Diz Hesselgrave que “uma razão significativa porque as cidades se tornaram importantes no ministério de Paulo foi porque ele era o tipo de homem que tinha capacidade para torná-las para Cristo”.¹⁴

Para cada uma dessas conclusões temos boas razões, mas com muita sabedoria não deixemos de falar sobre o outro lado da moeda: de facto, alguns dos lugares em que Paulo pregou eram centros: Coríntios, Tessalónica, Éfeso, Roma. Mas outros não eram: Bereia por exemplo não era lugar tão importante na Macedónia como Pela; mesmo assim ele pregou na primeira cidade e não na outra. Pode-se dizer isto em caso de outras províncias.

Observando mais atentamente aquilo que foi o trabalho missionário de Paulo, vemos que ele foi guiado pelo Espírito Santo e quando falamos dos centros estratégicos, precisamos reconhecer que eram centros naturalmente estratégicos

¹³ ALLEN *apud* HESSELGREVE, David J. *Plantar Igrejas: um guia para missões nacionais e transculturais*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 70.

¹⁴ HESSELGREVE, 1995, p. 70.

daquele contexto, lugares de grande circulação e movimentação do antigo mundo greco-romano. A escolha de lugares estratégicos pressupõe uma estratégia. Paulo fazia parte de um processo que visava anunciar o evangelho em todos os lugares conhecidos ou não. Se a missão quer ganhar a província, deve se concentrar em centros estratégicos que são centros de vida e desafios para a evangelização.

Green afirma que “a estratégia de um homem como Paulo era basicamente simples. A sua visão era ao mesmo tempo pessoal, urbana, provincial e global”.¹⁵

1.4.1 Estratégia de caráter pessoal

Em Atos 28.17-20, quando Paulo convocou os principais dos Judeus e tendo se reunido com eles, lhes disse:

Varões irmãos, nada havendo feito contra o povo ou contra os costumes paternos, contudo, vim preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos; os quais, havendo-me interrogado, quiseram soltar-me sob a preliminar de não haver em mim nenhum crime passível de morte. Diante da oposição dos judeus, senti-me compelido a apelar para César, não eu, porém, nada de que acusar minha nação. Foi por isto que vos chamei para vos ver e falar; porque é pela esperança de Israel que estou preso com esta cadeia.

Analisando esta passagem bíblica, ela dá-nos a entender que o encontro havido na sua casa com líderes em Roma, foi preparado. Este detalhe exegético nos mostra que Paulo era um homem que aproveitava todas as oportunidades e ocasiões pontuais para falar de Cristo.

Paulo queria ter a sua vida firmada pela fidelidade a Cristo, dedicando-se coerente com sua pregação ao treinamento de líderes (2 Tm.2:2), para que fossem fiéis, idôneos e na altura de dar continuidade a sua obra: anunciar a Cristo e discipular os convertidos, deixando assim uma igreja local firme e organizada. As circunstâncias, sejam elas adversas ou não, não vergariam o curso histórico dos seus intentos missionários que afectam quer as pessoas simples, quer as de influência político-administrativa. Paulo procurava formas de pregar o evangelho a homens como o procônsul de Chipre, o governador de Malta, os procuradores Felix e Festo, o rei Agripa e Berenice e o próprio imperador, acima de tudo. Com este trabalho, a comunidade cristã era diversificada, isto é, tinha pessoas de classe

¹⁵ GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984. p. 318.

baixa, média e alta, mas a maioria era de gente pobre, artesãos, escravos, comerciantes, soldados, mulheres, viúvas e somente poucos da classe abastada (1 Coríntios 1).

1.4.2 Estratégia de caráter urbano

Em Actos dos Apóstolos vemos a preocupação de se alcançar as cidades importantes. Felipe foi dirigido à Samaria, Pedro foi a Cesaréia e Paulo às cidades-chaves do Oriente Próximo e Europa. Paulo escolheu trabalhar nas cidades importantes do império, nas regiões da Ásia Menor até chegar na capital, Roma, não porque elas proporcionassem mais conforto ou uma larga multidão, mas porque procurava centros a partir dos quais o evangelho poderia atingir as áreas vizinhas, como foi o caso de Éfeso e Tessalónica. E com esta estratégia Paulo de facto conseguiu este alvo, o evangelho atingiu as áreas vizinhas e foi se espalhando muito além da ação pessoal de Paulo.

Nélio Schneider afirma que outra característica da ação missionária de Paulo é que ele nunca trabalhava sozinho, sempre em equipe e dela participavam muitas MULHERES, conforme Atos 16.¹⁶ Esta informação é muito importante, pois do século II em diante crescentemente o androcentrismo e o patriarcalismo vai se impôr na história da igreja e da missão cristã, com todos os problemas que se tem até aos dias de hoje – por exemplo, muitas igrejas não ordenam mulheres ao ministério e isto é um verdadeiro escândalo e uma discriminação sem igual da metade ou mais de crentes cristãs!

Observando os Atos dos Apóstolos consideramos a passagem de Paulo por uma cidade importante após outra, a saber: Atos 11.26 - Antioquia, a terceira maior cidade do império, Paulo e Barnabé estiveram um ano inteiro ensinando os discípulos; Atos 19.25-27 - Filipos, a colônia romana, que tinha uma considerável população Judia; Tessalónica, a principal metrópole da Macedónia; Corinto, centro portuário importante da Grécia sob administração romana; Pafos, o centro do governo romano em Chipre; Éfeso, a principal cidade da província da Ásia e lugar do famoso templo da deusa Diana, um centro religioso do império.¹⁷ Muitos peregrinos

¹⁶ SCHNEIDER, Nélio. Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes, e vários já dormiram (1 Co 11.30): pecado e sacrifício na ceia do Senhor. *Estudos Teológicos*, v. 36, n. 2, p. 119-128, 1996.

¹⁷ LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 93-98.

e turistas visitavam a cidade. Esta cidade foi tão importante que Paulo permaneceu lá três anos, mais do que em qualquer outra cidade (Atos 20:31). Vê-se que Paulo tinha uma estratégia bem definida de alcançar com o Evangelho as cidades importantes, por isso, movia-se de uma cidade famosa para outra. Segundo Green, “o clímax desta estratégia urbana está evidente na decisão há muito tomada de visitar Roma, concretizada de uma maneira muito diferente do que esperava”.¹⁸ Sabe-se até mesmo que Paulo pretendia ir para a Espanha e só não o fez porque tornou-se mártir da causa cristã, antes (cf. Rm. 15.28).

1.4.3 Estratégia provincial e global

Por aquilo que podemos notar da análise das viagens e estadias de Paulo em diversas e importantes cidades do Império romano, ele usou uma estratégia provincial e global. Sendo assim, Paulo pensou evangelicamente, não etnicamente, parando em cidades que tiveram um caráter representativo. Paulo preocupou-se em alcançar duas ou três localidades potenciais. Através dessas localidades e com a missão cumprida de anunciar o evangelho da cruz e da paz em Cristo, ele tinha plena confiança na força transformadora da palavra de Cristo para converter as pessoas, de tal forma que estas encarregar-se-iam de viver em comunidade (por isto para ele era tão importante a palavra *koinonia*, a atitude de amar um ao outro, a prática de *levar as cargas uns dos outros*) e assim levar o evangelho aos arredores.

Green observou que a concepção estratégica de Paulo se desdobrou da seguinte maneira:

Na Macedônia pregou em Tessalônica, Bereia e Filipos; na Acaia fez convertidos em Atenas e Corinto; em Chipre esteve em Salamina e Pafos. A importância de Éfeso como centro atraiu-o de tal maneira que ficou mais de dois anos ali, sendo que durante este período Colossos e Laodicéia foram evangelizadas, através daqueles que Paulo tinha trazido à fé.¹⁹

É de admirar a organização de Paulo no estabelecimento da estratégia e isto permitiu-lhe uma ação missionária ampla e frutífera, não sem muitos conflitos e problemas comunitários, como também percebemos nas cartas, especialmente nas partes parenéticas. Missão nunca é um mar de rosas, muito menos para um missionário da altura de Paulo. Isto aconteceu assim porque Paulo destacou-se em

¹⁸ GREEN, 1984, p. 318.

¹⁹ GREEN, 1984, p. 320.

treinar e delegar a homens e mulheres fiéis e maduros a tarefa de continuarem na liderança da igreja, tendo em conta que ele não ficava muito tempo numa só localidade, ele nunca esqueceu a importância devida às mulheres – por exemplo – ao casal Priscila e Aquila, mas principalmente a Priscila! Cada província ouvira algo do evangelho, de tal forma que em cada uma pequenas comunidades cristãs foram formadas para continuar a obra.

No entanto, Paulo não terminou nesta estratégia provincial, pois vemo-lo a mover-se por todo o Mediterrâneo no sentido do Oriente para o Ocidente como expressão de estratégia para todo o mundo então conhecido. De fato, sentia-se triste, enquanto a sua sede de proclamar a boa nova até a última pessoa dos confins da terra (na época a Espanha era fim do mundo conhecido) não se concretizasse. E para realizar o seu sonho, segundo Green, “ele planejava tornar Roma seu centro para evangelizar ainda mais nas fronteiras mais distantes no Ocidente do mundo conhecido”.²⁰ Isto vê-se claramente em Rm.15:20: “esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio”. O texto mostra a dedicação de Paulo e sua vocação rumo à evangelização dos gentios.

1.4.4 Tipos de estratégia

Lendo em Atos 17.2, o evangelista diz: “Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras [...]”. Observando neste versículo vemos claramente que Paulo possuía uma estratégia. A estratégia de Paulo era de ir de cidade para cidade, e chegando em cada cidade visitar as sinagogas, caso houvesse, e anunciar Jesus Cristo como único Senhor e Salvador. Segundo Dayton e Fraser,

A vinda de Paulo na sinagoga não era meramente para fazer parte da adoração senão também para evangelizar os que participavam dos cultos. Marshall diz que ‘Paulo baseava-se nas Escrituras cuja autoridade não é questionada quer pelos Judeus quer pelos Cristãos’.²¹

Essa atividade foi continuada por três sábados na cidade de Tessalónica. Como se pode observar, não há dúvidas para afirmar que Paulo tinha uma

²⁰ GREEN, 1984, p. 70.

²¹ DAYTON, Eduard R.; FRASER, David A. Os 2,4 bilhões: por que continuamos tão indiferentes? In: HAWTHOME, Steven C.; WINTER, Ralph D. (Org.). *Missões Transculturais: uma perspectiva histórica*. São Paulo, Mundo Cristão, 1987. p. 399-401.

estratégia de solução padrão em relação à mensagem, solução específica quanto à sua comunicação, quer a Judeus, quer a gentios, deixa acontecer o planejamento parcialmente, pois quando querendo ir a Bitínia o Espírito o impede e encaminha-o a Macedónia, dando a direção a Paulo e interferindo em suas intenções iniciais. Ele comunicou uma mensagem que recebeu como herança para ser proclamada integralmente sem adulteração de qualquer espécie. Conforme se pode ler em 1 Coríntios 15.3: “Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi [...]”.

A mensagem era normativa e precisava ser obedecida à risca conforme os preceitos da Escritura, o que em Paulo nunca significou seguimento literal, mas em espírito e em verdade. Paulo foi um pensador contextual, isto é que é a verdade. Por isto ele enfrentou a ortodoxia de Pedro, Tiago e da comunidade de Jerusalém e a história mostrou que ele tinha razão. Ainda que, conforme a orientação recebido dos colunas da fé, jamais se esqueceu dos pobres! (Gálatas 2.10). Quanto ao modo de vida do apóstolo e o seu *modus operandi*, era menos normativo. Paulo tinha a sua característica e personalidade peculiares. Cada pessoa é uma pessoa inédita. Ninguém é cópia de ninguém. As capacidades na elaboração do pensamento criador diferem de indivíduo para indivíduo, e nesse sentido temos em Paulo um excelente exemplo que pode orientar a igreja cristã de todos os tempos.

As formas de comunicação de cada época, as condições materiais e humanas e os posicionamentos ideológicos da sociedade mudam e tendem a mudar consideravelmente. Por isso, é relevante percebermos em Paulo a necessidade de interação comunicativa e antropológica, que ele manteve com seu meio social e cultural, para podermos aprender algo que também nos auxilie na obra missionária.

Cada situação de índole diversa ditará a maneira mais sábia para se comunicar com fidelidade o conteúdo da mensagem. Assim aconteceu quando Paulo anunciou a mensagem a judeus e a gentios. Aos judeus, ele proclamou Cristo baseando-se na Escritura (Atos 13.29, 32ss) e aos gentios baseando-se na revelação geral (Atos 14.15ss). Vemos a sabedoria do homem como Paulo que sabia enquadrar cada coisa no seu respectivo lugar. Ele procurava fazer entender segundo as Escrituras cada tribo ou povo e assim os judeus entenderam, enquanto os gentios convenceram-se do conteúdo da mensagem que lhes estava sendo apresentado.

O ministério de Paulo como de outros apóstolos baseou-se no Antigo Testamento e no poderoso trabalho que acompanhou o ministério de Jesus Cristo (João 10; 24 - 25; Atos 2.22 - 23). O desenvolvimento da sua estratégia obedeceu a critérios razoáveis, conscientes e flexíveis, já que estava sujeito ao controle e orientação do Espírito Santo (Atos 16.6-7,10). E segundo Paulo, onde atua o Espírito Santo atua a liberdade cristã (Gálatas 5.1; 2 Coríntios 3.17).²²

Muitas vezes, um entusiasmo temperado se apossou dele como pessoa que comunicou o evangelho espontaneamente com um sentido de dever e missão. Noutros momentos, ele sofria por causa da perseguição, da prisão e do isolamento. Mas jamais perdia a esperança.

Observamos a combinação não sistematizada, mas implícita das várias abordagens estratégicas ora apresentadas neste capítulo como se ele participasse das inovações descobertas no século XX, sem que isto represente surpresa. O apóstolo não teve estratégia com fundamentos em estudos do passado. A sua estratégia foi a adoção de uma metodologia que podia ser mudada. Quem sabe se possa afirmar que Paulo foi simplesmente um homem ousado por pensar por si mesmo e adotar o que – a partir do desafio do evangelho de Cristo e do seu Espírito – lhe parecia o mais razoável e eficaz. Por isto ele pôde afirmar: a fé atua pelo amor (Gálatas 5.6), por cima de tradições humanas, dogmas assentados ou visões estanques.

Nada podemos admirar daquilo que foi Paulo. Ele foi um homem como nós e que estava sujeito a falhas. Daquilo que fez, é mesmo de olhar para Deus como dono da obra que sempre esteve com ele e lhe deu a sabedoria de como alcançar os povos com o evangelho para se sujeitarem a Cristo como único Senhor e salvador.

1.4.5 O conteúdo da missão

O apóstolo Paulo tinha sido escolhido por Deus para ser apóstolo dos gentios (Gl 2.8), mas ele seguiu o princípio que encontramos em Rm.1.16: “a

²² Esta questão da liberdade cristã é uma das marcas da Reforma e especialmente da teologia de Lutero, conferindo á tradição luterana um lugar específico na redescoberta do evangelho. É possível que hoje em dia tenhamos de recuperar para a vida cristã esta visão profunda da liberdade como a encontramos em Paulo, em Lutero e em tantos outros teólogos e teólogas da atualidade. LUTERO, Martinho. Da liberdade cristã. In: *Obras Seleccionadas*: o programa da Reforma e Escritos de 1520, v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 435-460.

salvação de todo aquele que crê [...] primeiro do judeu [...]”. Bastava chegar numa cidade, ele ia directamente à sinagoga. Só em Filipos faltou encontrar uma instituição semelhante. Lá ele dirigiu-se a um “lugar de oração” porque era uma colónia romana da semente abraâmica e um herdeiro das promessas (Gl 3.29). Paulo ao entrar na sinagoga sentia-se imediatamente em casa. A ordem de serviço e os modos de adoração eram familiares.

Na sinagoga havia um costume de convidar um visitante rabino a ter uma “palavra de exortação” na assembleia de adoradores (Atos 13:15). Assim Paulo aproveitava estas oportunidades de falar de si mesmo e de apresentar o evangelho de Jesus Cristo aos presentes. Sendo assim, muitos eram obrigados a escutá-lo, ainda que não fosse da sua própria vontade, porque estava lá na sinagoga.

Só ia a qualquer outra parte conforme encontramos em Actos 18:7; 19:9 quando era expulso da sinagoga. Muitos opositores de Paulo vieram da sinagoga. Contudo, isto proporcionou a melhor oportunidade para a proclamação do evangelho no mundo romano. Quando os judeus se opuseram a ele, sempre encontrava resposta imediata da parte dos prosélitos e dos gentios tementes a Deus.

O cristianismo espalhou-se facilmente porque os judeus devotos à sua religião espalhados pelo mundo afora, ajudaram ou contribuíram para esta expansão. Isto se deve reconhecer sempre.

1.4.6 A evangelização dos judeus

Devido à promessa que Deus havia feito aos antepassados a propósito do envio de um Messias, os judeus aguardavam com muita expectativa a vinda deste Messias. E no início o evangelho de Jesus Cristo representava uma boa nova oportuna para o judeu. Ele espalhou-se rapidamente de judeu a judeu, devido à língua de comunicação que era a mesma. A expressão usada foi entendida pelos judeus.

Paulatinamente cresceu uma comunidade cristã judia que se foi distinguindo e que, pelo seu carácter e vida, começou a marcar diferença desconfortável para a religião reinante. Mas isto não demorou muito tempo, pois os seguidores desse Jesus de Nazaré no decorrer do tempo foram vistos como desviadores das leis e ritos judaicos. Green diz que

Nos primeiros tempos os Judeus cristãos nem pensavam separar-se do restante de Israel. Eles esperavam que Israel viesse a compartilhar suas convicções sobre Jesus, apressando assim seu retorno triunfante para estabelecer seu reino.²³

É por isto que eles pregavam com tanta audácia e insistência aos seus irmãos judeus em qualquer lugar em que os encontrassem. Mas infelizmente pouco se sabe sobre a missão entre os judeus.

Assim o Judaísmo contribuiu para o crescimento do cristianismo porque ele havia preparado o solo. Mas cabe analisar também alguns traços relevantes do Novo Testamento e outros escritos literários que nos conduzem a destacar certas abordagens que desembocaram na clarificação do papel e sentido histórico da missão sob o controle de Deus e expresso nas Escrituras e suas promessas.

1.4.7 Recurso às Escrituras

Olhando para o livro de Actos, verificamos que os primeiros sermões foram dominados pelo recurso às Escrituras judaicas. E naquela altura as Escrituras eram o Antigo Testamento que serviram de argumento metodológico. Vemos o caso de Pedro no seu discurso ao destacar a importância de Jesus. Fê-lo nos seguintes termos segundo Atos dos Apóstolos 2:16: “O que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta”. Pedro não terminou por aqui com as citações. Em Atos 2.25-28 ainda fez outra do Livro dos Salmos para mostrar a promessa messiânica da ressurreição. Apesar da Escritura ser o fundamento da mensagem, nem todos creram. Green escreve que este foi “o método fundamental de abordar os Judeus, até que a separação da sinagoga se tornasse irreversível, no segundo século”.²⁴

A conversa entre os cristãos e judeus se fundamentou nas Escrituras. Isto permitiu aos cristãos afirmarem com tanta segurança que Jesus Cristo é o Messias esperado. Confirma-se isto no diálogo de Paulo com Agripa em Atos 26:23 dizendo: “isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios”. Parece que o sofrimento do Messias, sua ressurreição e seu cumprimento conforme Isaías 49, para judeus e gentios eram os princípios tópicos de discussão entre cristãos e judeus.

²³ GREEN, 1984, p. 94.

²⁴ GREEN, 1984, p. 96.

A discussão, segundo Green, podia passar em qualquer sítio: “na pregação ao ar livre, diante do Sinédrio, na casa de um temente a Deus, na carruagem de um prosélito, diante de um pequeno nobre, ou em casa particular”.²⁵ Das estratégias usadas pelos cristãos para discutir com os Judeus e os tementes a Deus, o que sobressaiu foi o uso da sinagoga como lugar de anúncio. Exemplo concreto é o de Estêvão em Atos 6.10: “e não podiam resistir à sabedoria e ao espírito, pelo qual ele falava”. A defesa de Estêvão foi orientada pelo Espírito Santo.

Tanto nas sinagogas como em público Paulo e Apolo debateram com judeus, apresentando a Jesus como Messias. Com os seus argumentos às vezes eram bem recebidos como em Bereia (Atos 17.11). Outras vezes o encontro terminou mal, como em Tessalônica (Atos 17.1ss).

Green diz que “este método de defender a questão cristã a partir das Escrituras ficou tão difundido que foi razoável atribuir a sua origem a Jesus, mesmo sem o registo específico de Lucas 24.25ss”.²⁶

1.4.8 Na evangelização dos gentios

Em Atos 1.8, encontramos o seguinte: “E sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. Este versículo nos mostra o começo de uma nova era na obra e expansão da igreja. Na primeira parte de Actos, Lucas mostra os estágios de desenvolvimento desta expansão. Primeiro o evangelho foi pregado em Jerusalém (Atos 1.1 – 6.7), depois se espalhou pela Palestina e por Samaria (Atos 6.8 - 9.31), a seguir alcançou Antioquia (Atos 9.32 – 12.24) e depois se espalhou por diversas partes do Império romano.

A evangelização dos gentios é um plano de Deus desde o princípio da criação, como vemos em Gn.12.3, na chamada de Abraão, quando Deus diz: “e em ti serão benditas todas as famílias da terra”. Por isso, não é de admirar quando surge a família gentia. Agora o problema era de relacionar-se com os gentios, mas deve-se entender que o Reino de Deus veio para todos os povos e nações. A evangelização dos gentios esteve na perspectiva missionária divina. O curso da história esteve sob a sua soberania. Uma nova comunidade gentia brotou a partir da sinagoga e foi além dela. A preocupação relacional começou a ditar um novo rumo.

²⁵ GREEN, 1984, p. 96.

²⁶ GREEN, 1984, p. 49.

Foi necessário tomar decisões quanto à atitude para com os não judeus. É sabido que o Reino de Deus deve se estender a todos os povos e nações. E isto tem implicações que jamais cessam até o dia final do encontro último no reino de Deus.

Gálatas 4:4 afirma que a salvação vem dos judeus por meio de um homem nascido sob lei; “vindo porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei”; esta salvação abrange todo o ser humano independente da sua etnia, língua, raça, tribo, nação. Ora, a salvação – dádiva de exclusiva de Deus – está destinada ao mundo todo. A tradução desse ensino expresso nas Sagradas Escrituras para a mente do judeu que não encontrou beleza na variedade cultural, senão na homogeneidade, trouxe imensas dificuldades de convivência com o próximo, os gentios. O evangelho de Cristo veio para todos, quer judeus quer gentios. Esta mensagem central do NT superou o reducionismo da interpretação judaica das Escrituras!

Para os judeus, a convivência com os gentios esteve sujeita à observância de certo ritual, à lei e aos sinais de pertença à congregação de Israel sem a qual seria escusada a filiação divina. Lucas relata dois incidentes de importância.

Em primeiro lugar, narra como o problema surgiu para os cristãos de Jerusalém como resultado da conversão de Cornélio e a sua família conforme o encontro com Pedro relatado em Atos 10.²⁷ O obstáculo à missão aos gentios foi que faria os judeus, observadores da lei, entrar em contacto com pessoas consideradas impuras, e com os alimentos deles, também considerados impuros. Este obstáculo é que foi vencido pela visão de Pedro e sua prática consequente ao acompanhar os serviços de Cornélio, entrar em sua casa, compartilhar da acolhida de sua família para só então lhes anunciar o evangelho e ser surpreendido com a descida do Espírito Santo sobre aquela casa. O Espírito não é dado a indivíduos simplesmente, mas à casa de Cornélio!

Em segundo lugar, Lucas descreve como a igreja em Antioquia avançou com naturalidade para a formação de um grupo cristão judaico e gentio, aceitando estes últimos na igreja nascente, embora o problema continuou a deixar a igreja perplexa por algum tempo, se eles deveriam ser obrigados a viver como judeus.

²⁷ ZWETSCH, Roberto E. Teologia e prática da missão em perspectiva luterana. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2009, p. 41-51.

2 ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DA IELA

O missionário obediente que for ao campo sujeita-se a um princípio bíblico que encontramos em Marcos 16:15 “[...] Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura”. Os missionários luteranos também não fugiram a esta regra, eles obedeceram a voz de Deus. Ao lado da obediência usaram uma estratégia para alcançarem o povo angolano para o evangelho.

E como a estratégia varia dependendo do local e da situação concreta da área, os missionários estrangeiros luteranos chegando em Angola preocuparam-se, em primeiro lugar, em contactar o rei conforme fizeram os missionários da B.M. Society, Grenfell e Comber em janeiro de 1878. Estes antes de chegarem ao Congo enviaram uma carta ao rei Dom Pedro Ntotela. Quando eram aceites, recebiam um terreno. Assim aconteceu na tribo dos Kwanhamas com o rei Mweshipandeca e o rei Ueyulo. Aí construíram um centro que servia de base para alcançar as aldeias da região. Mas com os missionários nacionais já era diferente. Estes moravam no bairro que estava sendo evangelizado, o qual servia como ponto de partida para o avanço em relação a outros por evangelizar.

Considerando a estratégia missionária de Dayton e Fraser, os luteranos usaram a metodologia de “Planeamento Parcial” que é semelhante a de Pate denominada “Deus nos ajudará”. Todos os seus planos eram de curto prazo.

Não obstante algumas imperfeições, os missionários luteranos pela graça de Deus conseguiram alcançar os seus objectivos que são os de implantar igrejas em Angola.

2.1 As etapas da implantação

Neste capítulo da chegada do luteranismo no Cunene começando por missionários alemães, depois os missionários angolanos e finalmente os missionários finlandeses, continuaremos narrando a presença do luteranismo, desta feita em Cabinda, ao norte, desde sua implantação até culminar com a unificação.

2.1.1 No Cunene

Falar do luteranismo no Cunene pouco ou nada se conhece a nível nacional ou internacional, conforme Henderson, quando ele se refere às Igrejas Protestantes. Em relação à missão Luterana, ele simplesmente afirma: “As missões luteranas na fronteira ao sul de Angola foram em 1917 abandonadas pelos Alemães e ocupadas pela Igreja católica quando Portugal saiu vencedor do seu conflito com a Alemanha”.²⁸

Na verdade, se no norte de Angola (Congo) em São Salvador, a B.M. Society, chegou no dia 8 de Agosto de 1878, através dos missionários ingleses Grenfell e Comber, o campo missionário luterano no sul de Angola (Cunene) foi descoberto por um alemão de nome Hugo Hahn, em 1866, quando ele passou nas terras dos Kwanhamas encontrando-se com o rei Mweshipandeka. O rei achou importante ter missionários no seu reinado e aproveitou esta oportunidade para fazer um pedido ao missionário, que prometeu enviar outros para atender, pois ele estava ligado a outro campo missionário. Quando regressou para Namíbia ele escreveu para a MELF, explicando a nova área missionária descoberta em Angola e perguntou se eles estavam interessados em evangelizar a mesma área.

Em resposta a MELF enviou Tolonen e Malmstrom em 1871 que limitaram-se simplesmente em visitar Ondjiva, Kafima e Kwamato (Ombadja), pelo facto do rei Mweshipandeka ter exigido que o ensino e outros benefícios fossem só para ele. Eles não concordaram e retiraram-se do país.

Passados 20 anos, isto é, em 4 de setembro de 1891, vieram dois missionários alemães, Wulfhorst e Meisenholl, mandados por Rheinische Mission. Foram bem recebidos pelo rei dos Kwanhamas, naquela altura, Ueyulu, que deu-lhes terreno, onde os missionários no prazo de 10 anos construíram cabalmente a Missão de Omupanda, Ondjiva, Namakunde e Omatemba. Naquela época foram baptizados 12 angolanos e 20 foram confirmados. Assim, o serviço das missões luteranas teve início e pouco depois chegaram mais 4 missionários a saber: Wilhelm Ickler, Herman Troujes, Heinrick e Welseh. Esta viragem da história faz-nos lembrar

²⁸ HENDERSON, Lawrence W. *A igreja em Angola: um rio com várias correntes*. Lisboa: Editorial Além Mar, 1990. p. 16.

a fuga do menino Jesus para o Egito devido a atitude do Herodes, pois a família dele só volta para a Palestina depois da morte do rei assassino (Mt 2.13ss).

Ocorre que missionários luteranos foram expulsos outra vez de Angola em 1917, quando Portugal saiu vencedor do conflito com a Alemanha, após a deflagração da 1ª guerra mundial em 1914. Como consequência as missões luteranas foram recuperadas pelos Católicos.

Expulsos os missionários, os cristãos evangélicos luteranos foram entregues a sua sorte. Felizmente a semente do evangelho já estava lançada. Muitos angolanos que se haviam refugiado na Namíbia retornaram ao país dando sequência à pregação do evangelho, ainda que perseguidos, torturados, inclusive mortos como no caso de Filipus Kamati, ocorrido no dia 17 de Julho de 1933 em Ondjiva. Isto se parece ao que aconteceu em Jerusalém. Estêvão foi apedrejado até a morte devido ao seu testemunho de fé. A perseguição da igreja, excepto os apóstolos, permitiu o deslocamento dos crentes pelas povoações da Judeia e da Samaria anunciando a Boa Nova a toda gente (Actos 7:54ss; 8:1ss).

O trabalho continuou sem nenhum líder até que, em 1954, foi consagrado o primeiro pastor angolano Sansão Ndatipo, que estudou de 1949 a 1951 nas missões dos missionários americanos no Bunjei e isto significava que a liderança estava sendo entregue nas mãos dos nativos ou dos nacionais para conduzirem os destinos da igreja. A festa foi realizada no centro evangélico de Chitota – Chumbila. A partir daquela data a denominação passou a ser chamada “Igreja Evangélica de baixo Cunene” porque naquela altura só foi implantada na parte sul do Cunene.

Após vários anos de trabalho eclesiástico finalmente se autorizou sua expansão em toda a província do Cunene em 7 de Abril de 1960, no tempo do governador José Maria Pereira que escreveu o documento de permissão da pregação do evangelho no Cunene. Vemos aqui uma semelhança em relação à estratégia de Paulo que é de constituir lideranças locais capazes e alguns provados por situações difíceis e atribulados retirando-se para outras áreas não alcançadas (Atos 14:22-23).

No decorrer do tempo, formou-se mais um pastor, Noé Ndeutapo, em 1962, que se instalou em Shangalala – Cunene e daí surgiu a necessidade de alterar o nome de “Igreja Evangélica de baixo Cunene – IEBC” para “Igreja Evangélica

Luterana do Sul de Angola – IELSA”, porque o nome já correspondia com a dimensão da denominação. A denominação até a altura já cobria a parte sul, centro e norte da província, abrangendo a tribo dos Kwanhamas e dos Ombadjas. Se permanecesse o nome anterior muitos dos membros ou mesmo povos entenderiam que a Igreja pertenceria somente ao “Baixo Cunene”.

Os dois pastores, em áreas diferentes, foram liderando a igreja, enfrentando toda sorte de dificuldades: financeira, humana e material, sendo o mais agravante a perseguição da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), ainda ao tempo da colonização.

Em meio a essa dificuldade a Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola, teve que pedir ajuda humana e financeira a MELF, que no mesmo ano enviou 2 pastores, 2 professores para o Instituto Bíblico, 3 enfermeiras e uma professora para os filhos dos missionários para colaborarem com a Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola – IELSA.

Em 1975 devido à guerra na província do Cunene os missionários não conseguiram manter-se no país e continuar com os trabalhos. Eles voltaram para a sua terra natal. Os angolanos, então, assumiram o protagonismo no trabalho e direção da igreja.

2.1.2 O trabalho missionário dos alemães

Foram os missionários alemães que fizeram a descoberta missionária protestante desta parte do território angolano, que se apresentava fértil para o evangelho. Eles tiveram uma visão ampla. A fronteira do evangelho não se limitava a Namíbia. Existiam ainda outras terras por atingir como Angola. Então pensaram em explorar esta terra onde se depararam com uma situação idêntica a que encontramos no texto de Mateus 9:36-37, quando Jesus viu as multidões e sentiu profunda compaixão por aquelas pessoas, porque andavam sem direcção e perdidas como ovelhas sem pastor. Ele disse aos seus discípulos: “A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. “ É exactamente isso que fizeram os missionários alemães! Como eles já não poderiam ficar em Angola devido ao compromisso que tinham na Namíbia, “rogaram ao Senhor da seara” para que lhes

mandasse trabalhadores. E o Senhor da seara respondeu, enviando primeiro os missionários finlandeses Tolomen e Malmstrom e a seguir missionários alemães, Wilhelm Herman Tronjes, Heinrick e Welseh.

Em 1914, no início da 1ª guerra mundial, vieram os Portugueses ao Sul de Angola e o tomaram por completo em 1916, anos depois das fronteiras serem definidas na Conferência de Berlim. Esta havia sido convocada conjuntamente pela França e pela Alemanha, e se reuniu entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885. Em 1917, ano em que o rei Mandume foi morto, os portugueses expulsaram os missionários luteranos de Angola. Estes missionários alemães deixaram boas recordações que os luteranos angolanos nunca poderão esquecer e cujos frutos mantêm-se vivos até hoje.

2.1.3 O trabalho missionário dos angolanos

Os missionários angolanos são os que asseguraram e deram sequência ao trabalho missionário em várias etapas a saber: 1ª Etapa – Em 1917, após a expulsão dos missionários alemães; 2ª Etapa – A partir de 1975, após a fuga dos missionários finlandeses devido à guerra. À medida em que o tempo passava, o número de obreiros nacionais crescia, dentre eles destacam-se os seguintes: Sansão Ndatipo, Noé Ndeutapo, Martin Ndjebela, Filipus Kanguma, Nilo Shatipamba. Este crescimento ajudou muito para cobrir os missionários estrangeiros que tinham que abandonar o país. Os missionários nacionais assumiram o trabalho, embora muitos deles não tinham nenhuma formação, muito menos salário. Quando os nacionais assumiram o papel de evangelistas, a receptividade de evangelho era diferente. Os povos viam o evangelho como pertença deles e não como algo importado.

Esta aposta dos nacionais é vista como uma atitude corajosa. O exercício de sua tarefa realizou-se em meio à perseguição da PIDE, da guerra, e outras dificuldades. Tal comportamento permitiu às missões estrangeiras manterem-se serenas quando, em 1991, declaram a IELA como uma Igreja autónoma. Hoje temos uma Igreja liderada por líderes nacionais e na medida em que o tempo vai passando, a IELA está chegando a povos não alcançados pelo evangelho.

O primeiro presidente da IELA foi o Reverendo Noé Ndeutapo.

2.1.4 O trabalho missionário dos finlandeses

Em resposta à preocupação do missionário alemão Hugo Hahn, a Missão Finlandesa respondeu com o envio de dois missionários em 1871. Karl Leonhar Tolonen e Malmstrom foram os primeiros missionários finlandeses a pisarem o solo angolano. Enfrentaram várias dificuldades, dentre elas o relacionamento com o rei Mweshipandeca.

Tudo evoluiu ao ponto da igreja nascente ter se constituído hoje em denominação nacional como IELA, dirigida por angolanos com autoridade para entabular acordos de cooperação no campo missionário com a MELF. Como prova disso, apesar de longos anos de ausência física de missionários no território angolano causada principalmente pelo incidente com o rei, em 1973 e a pedido da direção da IELSA, vieram mais missionários. Estes também por motivos da guerra de 1975 não resistiram e voltaram para a Finlândia. Alguns regressaram como o casal Erkki Halme e Kaisa Halme. Erkki Lehtonen e Maija Liisa, Kirsti Usva, Anni Vaisala, Ritva Martala e Anja Anttonem, depois da situação ter se calmado no país. As relações de cooperação consolidaram-se no compasso do tempo. Actualmente a MELF tem em Angola 4 missionárias distribuídas em diversas áreas e ainda um secretário de ligação entre a IELA e a MELF.

2.1.5 O trabalho missionário em Cabinda

Falar do luteranismo em Cabinda sem falar do Cunene parece estranho porque geralmente se pensa que a Igreja Evangélica Luterana em toda Angola surgiu a partir da Namíbia. A Igreja Luterana de Cabinda surgiu da República Democrática do Congo, fronteira leste de Cabinda, como uma Igreja Evangélica muito forte.

No *limiar* da Independência, isto é, no dia 28 de Outubro de 1974, surgiram os primeiros confrontos entre o exército do MPLA (FAPLA) e a FLEC. Com estes confrontos o território da República Democrática do Congo, ex-Zaire, viu-se às voltas com milhares de angolanos que imigraram à procura de tranquilidade. Dentre eles estava o Sr. Paulo António Sambo e sua esposa Joana Lando Sambo. Em 11 de novembro de 1975, enquanto em Luanda se proclamava a Independência, pelo Dr. António Agostinho Neto, na República Democrática do Congo (ex-Zaire) nascia o

filho, menino do casal, que recebeu o nome de António Mambuco Sambo. Sendo o primeiro filho do casal, notava-se a alegria nos lábios e olhos deste casal, chegando a ponto de se esquecerem da tortura e pilhagem a que eram submetidos pela tropa da República Democrática do Congo, como também por alguns civis Congolese. A alegria de ter o menino não durou muito. Em 1975 o pequeno Mambuco caiu doente.

Os pais frustrados com a enfermidade do pequeno Mambuco e não sendo eles ainda cristãos percorreram vários hospitais, curandeiros e quimbandeiros; mas infelizmente a enfermidade piorava cada vez mais. Em seu desespero e ao mesmo tempo desânimo, apareceu-lhes um dos seus primos, o Sr. Manuel Makuika que convidou o casal para ir à Igreja, a fim de orarem pelo menino. Atendendo a aflição que atravessavam na altura, eles não olharam atrás. O primo levou-lhes à Igreja Evangélica Luterana do Zaire, onde professava a sua fé. A igreja orou com imposição de mãos, um trabalho muito forte e habitual desta igreja. Não levou tempo para que o pequeno Mambuco se recuperasse da enfermidade.

O Senhor Paulo António e sua esposa Joana Lando Sambo, ouvindo e agora vendo o milagre de Deus, aceitaram receber Jesus Cristo, como Senhor e salvador. A partir daquela altura, tornaram-se membros assíduos e no decorrer do tempo foram servindo o Senhor.

Em 1976 eles regressaram ao país. Havia temor de vida porque o Cabindense que se refugiara no Zaire, actual República Democrática do Congo, ao regressar ao país era submetido a um interrogatório, por suspeita de ser membro ou militar da FLEC. Passado este período longo e graças à iluminação de Deus, Paulo António lembrou-se duma passagem bíblica que diz: “Ide por todo mundo...”. E na companhia de outros, esposa, Tomé Dende, Maria Issungo e 4 crianças que também haviam retomado o país, começaram a testemunhar o luteranismo, na povoação do Yabi, a 18 quilómetros a sul da cidade de Cabinda, no dia 28 de Outubro de 1979. Em número de 8 membros foram louvando a Deus e, sem demora e na base de imposição de mãos, iam crescendo, prática esta que ganhava lugar na província de Cabinda. O ministério crescia, portanto, devido à prática de imposição de mãos.

No trabalho pioneiro não faltavam êxitos e fracassos. O governo era laico, os cultos eram realizados no quintal e depois, em 1980, passaram a ser realizados dentro de casa por falta de documentação que autorizasse o exercício ministerial

dos luteranos em Cabinda, onde já tinham atingido o município de Buco-Zau e Mama Dibundo (Luanda). A denominação desenvolveu-se de “Luteranos” para “Comunidade Evangélica Luterana em Angola”.

Vê-se claramente que em Cabinda o trabalho começou numa aldeia, depois atingiu a capital da Província e avançou para o interior, posteriormente, chegando na capital do país, Luanda. Segundo a estratégia de Dayton e Fraser, os missionários usaram a estratégia de “Deixar Acontecer” que é semelhante à de “Planeamento Parcial” que Pate trata de “Deus nos Ajudará.” Mas isto foi acontecendo sem que os próprios missionários se apercebessem, atendendo o tipo de estratégia que usavam.

2.2 A unificação

A “Comunidade Evangélica Luterana de Angola”, à medida que o tempo ia passando, sentia-se cada vez mais pressionada pelo governo por falta da legalização. É assim que, em 194, se desloca à Luanda uma delegação composta por Ngoma Ngulo, Paulo António e João Ferreira com objectivo de se reconhecer a Igreja.

Em Luanda, no Ministério da Justiça, foram informados da existência de uma Igreja Evangélica Luterana no Cunene e que não seria possível receber-se outra documentação em nome da Igreja Luterana.

Sem mais demora decidiram continuar a viagem até a capital da província da Huila, Lubango, onde puderam localizar o então Secretário Geral da Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola – IELSA, Titus Namunyekua e a missionária Rittva Martala. Depois de um rico jantar, seguiu-se o encontro desejado. Após as devidas apresentações, os visitantes esclareceram o motivo da sua viagem, o que causou admiração nos anfitriões porque se tratou de uma surpresa em ouvir acerca de luteranos em Cabinda. Assim surgiram diversas perguntas, dentre as quais destacam-se as seguintes:

- Aonde conheceram o Luteranismo?
- Desde quando são Luteranos?
- Como trabalham?
- Quantos membros têm?

Estas e outras perguntas foram respondidas e os participantes da reunião, sendo um caso especial devido à possibilidade aberta da unificação das duas igrejas, chegaram às seguintes conclusões e recomendações:

1º - Ambas partes alterarem o nome da denominação, isto é: Cabinda deixa de se chamar “Comunidade Evangélica Luterana de Angola” e passa a chamar-se “Igreja Evangélica Luterana em Angola”. Cunene deixar de se chamar “Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola” e passa a chamar-se “Igreja Evangélica Luterana de Angola”.

2º - Deslocar-se a Cabinda uma delegação dos luteranos do Sul de Angola para se constatar a realidade.

Das duas decisões só a primeira foi cumprida com zelo, a segunda não, porque a delegação encarregada para constatar a realidade em Cabinda chefiada pelo Pr. Noé Ndeutapo teve um acidente no troço Xangongo – Lubango anulando por completo a viagem.

Este acidente que impediu a ida da delegação do Cunene à Cabinda fez com que as denominações continuassem a trabalhar separadas. É nesta altura que se desloca à Cabinda saindo de Luanda a Senhora Isabel Costa Pedro que se encontrava enferma. Dirigida pelas amigas é conduzida no dia 30 de Outubro de 1985 à Comunidade Evangélica Luterana em Angola. Orando por ela, pela graça de Deus, a senhora ficou curada. No dia 11 de Dezembro do mesmo ano, ela voltou para casa e, animada, decidiu com o marido Domingos Ganda Rodrigues iniciar os cultos luteranos no seu quintal com ajuda dos obreiros de Cabinda como o Sr. João Ferreira, Manuel Coto de Palma e Filó. Assim, dava-se início a uma nova área luterana. Estes ainda abriram outra área na província do Moxico – Luena.

Nesta altura também surgiu no Huambo o Pr. Armando Kapuca que, insatisfeito com o Metodismo ou Congregacionalismo, viajou ao Cunene para ser acolhido pelos luteranos. Interrogado constatou-se ter sido rebatizado no passado em mais de 2 denominações. A Igreja Luterana do Cunene respondeu à preocupação do Pr. Armando Kapuca afirmando que a Igreja Evangélica Luterana o receberia não como Pastor mas como membro.

Insatisfeito com a resposta recebida no Cunene e com a intenção de continuar o testemunho iniciado por Mário Chinguete já falecido, Kapuca descola-se

para Cabinda. Ali ouviu falar da existência do luteranismo em 1986. Apresentou-se, foi bem recebido e finalmente aceito como pastor.

Por esta razão as congregações de Cabinda e Huambo decidiram trabalhar juntas. Terminada a visita, de regresso Kapuca é informado da existência de uma filial luterana em Luanda. Estando em Luanda, o Pr. Armando Kapuca localizou a filial. A partir daí abriu-se o contacto Luanda – Huambo e vice-versa, com laços mais fortes do que com Cabinda, considerando a facilidade dos meios de comunicação. Era mais fácil viajar para o Huambo, devido aos aviões militares que diariamente frequentavam aquela cidade, na altura muito afectada pela guerra. Entretanto para se chegar a Cabinda os custos eram bastante elevados. A viagem só pode ser feita por via área ou marítima. Não obstante as dificuldades identificadas, o eixo de trabalho eclesiástico entre Cabinda, Luanda e Huambo ficou estabelecido. Elaborou-se o Estatuto e o regulamento mudando o nome da denominação novamente de Igreja Evangélica Luterana de Angola para Igreja Evangélica da Confissão Luterana em Angola.

A Direcção eleita foi a seguinte: António Alfredo Barros (Luanda) como presidente da denominação e Armando Kapuca como vice Presidente. Com a Direcção formada, o trabalho da Igreja Evangélica da Confissão Luterana em Angola ganhou uma nova dinâmica. Realizaram-se viagens ao Brasil e Alemanha, onde eram bem recebidos como novos luteranos e encorajados à unificação, fortalecendo-se com a conhecida Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola.

O assunto da unificação entre a IECLA e a IELSA que estava esquecido foi lembrado por aquela Direcção. No princípio de 1992 reiniciaram-se os contactos que deve-se reconhecer não terem sido fáceis devido à estigmatização tribal. Mas pela graça de Deus, foi possível realizarem-se dois encontros preliminares das duas Direcções em Luanda.

Finalmente no dia 5 de julho de 1994 as duas direcções encontraram-se no Lubango desta feita para se tomar a decisão final naquilo que já vinham procurando há 10 anos. Como se esperava, assinou-se o documento de entendimento entre as duas direcções com as seguintes conclusões:

A Igreja unificada seria designada de Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) sem necessidade de se formar novo Estatuto e Regulamento; e os pastores

do “norte” por terem exercido o ministério até então sem a formação necessária, deviam agora ser formados.

Foram necessários 10 anos para os evangélicos luteranos se unificarem e o Lubango é o marco histórico: foi o ponto de partida e de chegada.

A Igreja Evangélica Luterana de Angola está agora unificada com o mesmo Estatuto e Regulamento. Por isso, em cumprimento das decisões tomadas, houve necessidade de se treinar com maior urgência a liderança que vinha trabalhando sem nenhuma formação para consagrar estas pessoas de grande fé e compromisso como pastores após a devida formação.

2.2.1 O percurso estratégico da IELA

Agora podemos ver como a estratégia missionária da IELA funcionou. No norte, Cabinda avançou da zona rural (Yabi) para zona urbana (cidade de Cabinda) e da zona urbana para zona rural (interior da província), zona urbana (cidade de Cabinda) para zona urbana (cidade de Luanda), da zona urbana (cidade de Cabinda) para zona urbana (cidade do Huambo); da zona urbana (cidade de Luanda) para zona urbana (cidade de Luena - Moxico), (cidade do Uige) e zona rural (Quitexi – Província do Kuanza-Sul) e da zona urbana (cidade do Huambo) para zona rural (Município de Kamacupa – Bié) e (Município do Bailundo). Agora está a se avançar mais para as zonas rurais como: Ntungo.

No sul, partiu-se do centro de base do Cunene (missão) para as zonas rurais, das zonas rurais para centros urbanos de Ondjiva e Lubango. Agora de centro de base da missão de Shangalala para a área rural do Oncócuá e para o interior da província do Kuando-Kubango e do centro urbano de Lubango para o centro urbano do Namibe.

Alguns membros da IELA subestimam a magnitude da obra dos missionários luteranos tanto nacionais como estrangeiros na expansão do Evangelho. Não é verdade. Estes missionários enfrentaram também dificuldades como os demais missionários, mas permaneceram firmes e levaram adiante a obra.

Antes de nos referirmos as dificuldades dos missionários luteranos em Angola, vejamos como os missionários do primeiro século as enfrentaram, apenas

como um exercício histórico que nos ajuda a compreender a situação atual da missão da igreja.

2.2.2 Dificuldades missionárias do primeiro século

Segundo Green, “os cristãos por onde quer que fossem, eram chamados de anti-sociais, ateus e depravados. Sua mensagem anunciava um criminoso crucificado, e nada pior pode ser imaginado para conseguir convertidos. Para os gregos esta história mostrava como a nova fé era ridícula, para os romanos como ela era fraca e ineficaz, e os judeus não podiam engoli-la de forma alguma”.²⁹

Assim os cristãos ofendiam tanto os judeus como gentios, tanto com suas doutrinas como com o comportamento que lhes era atribuído. Tudo isto eles tinham de suportar se quisessem ganhar uma pessoa para Jesus Cristo, quer dizer, os judeus e os greco-romanos criaram obstáculos ao Evangelho.

Um dos obstáculos judaicos ao Evangelho, segundo Green, “foi o fato de que eles não eram ninguém. Uma meia dúzia de homens sem formação rabínica formal estavam tentando corrigir a teologia e a fé, sem falar das práticas religiosas, de líderes religiosos profissionais preparados adequadamente; além demais eram homens portadores de uma tradição oral que diziam remontar até Moisés. Que impertinência! Não é de estranhar que o sumo sacerdote os tratou com um misto de admiração e pena, como homens iletrados e incultos”.³⁰

Ainda Green acrescenta que “adorar a um Messias crucificado era uma blasfêmia descarada. O Antigo Testamento deixava sob a maldição de Deus. Como poderia ser possível que o Escolhido de Deus fosse exposto no lugar da maldição? Sabemos que este problema continuou sendo quase insuperável para os judeus”.³¹

Em Atos e nas cartas de Paulo e de Pedro há referências a este problema de forma reiterada e com boas razões. Para ambos a doutrina do messias crucificado tinha sido uma pedra de tropeço tremenda, até que conseguiram compreender seu significado profundo. Para a maioria dos judeus o problema

²⁹ GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 31

³⁰ GREEN, 1984, p. 32.

³¹ GREEN, 1984, p. 32.

persistiu. Justino teve de lidar com ele longamente em seu diálogo com o Judeu Trifo. “Pode estar certo”, retrucou Trifo,

que todo o nosso povo espera por Cristo. E nós admitimos que todas as passagens da Escritura que você mencionou se referem a ele. Mas temos dúvidas quanto a se o Cristo deveria ser crucificado de maneira tão vergonhosa. Porque a Lei diz que qualquer crucificado é maldito, e neste ponto eu sou totalmente incrédulo. É verdade que as Escrituras predizem que o Cristo teria de sofrer, mas queremos que você nos prove que teria de ser pelo sofrimento considerado maldito pela Lei.³²

Não era só a cristologia dos cristãos que despertava reacções tão apaixonadas entre os judeus. A eclesiologia deles era provocadora na mesma proporção. Segundo Green,

alguns, como Estêvão, pareciam falar com desprezo do templo e de seu ritual. De facto, a construção do templo era grande engano: “Davi achou graça diante de Deus e lhe suplicou a faculdade de prover morada para o Deus de Jacó. Mas foi Salomão quem lhe edificou a casa! Entretanto, continuou Estêvão, ‘não habita o altíssimo em casas feitas por mãos humanas’”.³³

Não é de surpreender que este tipo de pregação deixasse os judeus loucos, o que resultou não só na morte de Estêvão, mas também na primeira das perseguições aos cristãos organizadas pelos judeus.

Os greco-romanos também colocavam obstáculos ao Evangelho em vários aspectos e o que vamos tratar é o aspecto religioso. Os romanos faziam uma distinção fundamental entre religioso e supersticioso Green diz que para os romanos,

religio era a religião oficial romana, era o vínculo formal entre as pessoas e os deuses. No caso de Roma imaginava-se a origem disto como um contrato entre Numa, o primeiro sacerdote – rei de Roma, e Júpiter, rei dos deuses. De acordo com os termos deste contrato, o deus se encarregava da segurança e do progresso de Roma, e o Estado se encarregava de atender as necessidades do deus através de sacrifícios e adoração.³⁴

Este era o acordo. Mas o Estado tinha deixado de preocupar-se com os deuses e, segundo Green, “como castigo os deuses deixaram o Estado arruinar-se através das guerras civis. Esta é a razão do (pouco duradouro) reavivamento

³² GREEN, 1984, p. 33.

³³ GREEN, 1984, p. 34.

³⁴ GREEN, 1984, p. 36.

religioso que era um elemento importante na plataforma de Augusto”. Agora, olhando para o cristianismo, Green afirma que “era uma fé que abrangia pessoas de todas as raças e procedências, tanto bárbaros como civilizados. Era *superstitio*, uma crença particular, existindo há muito pouco tempo, e que precisava ser julgada em seus méritos, como outras *superstitiones*”.³⁵ Ora, já no livro de Atos está escrito que várias vezes os cristãos foram batidos e encarcerados (Atos 12: 9ss; 16:19-26; 21:27ss).

2.2.3 Dificuldades missionárias da Missão Luterana em Angola

A Missão Luterana no século XX também não fugiu a esta regra, pois também ela enfrentou várias dificuldades, a saber:

A) Com os reis – O rei numa comunidade é visto como o “dono” da comunidade, conforme a tradição africana. Neste caso a sua palavra é uma lei. Neste contexto para qualquer acção missionária numa determinada comunidade deveria se contactar primeiro o rei. Vemos este caso nos missionários Grenfell e Comber quando “partiram no barco S.S. Elmira para o Congo tendo passado quinze dias no rio antes de regressarem dos Camarões no mesmo barco. Durante este período de duas semanas subiram o rio até Musuku, e dali enviaram uma carta ao rei do Congo dizendo-lhe que em breve iriam visitar a sua capital”.³⁶ Foi assim que os missionários luteranos procediam, contactavam em primeiro lugar com o rei e muitos deles como Mueshipandeca impunham exigências que faziam com que os missionários desistissem das suas ideias.

B) Com os colonialistas portugueses – Primeiro, deve-se registrar que numa certa altura os portugueses queriam definir bem as suas fronteiras, então os missionários luteranos foram vistos como opositores, uma vez que os portugueses eram todos católico-romanos e defendiam sua confissão. Por isso expulsaram os luteranos. Em segundo lugar, quando começaram a aparecer os movimentos de libertação, os protestantes foram vistos como colaboradores dos terroristas. Assim, toda a movimentação dos luteranos era controlada pela PIDE que, por várias vezes, torturou, pressionou e até mesmo matou missionários luteranos com a suspeita de serem terroristas.

³⁵ GREEN, 1984, p. 36.

³⁶ HENDERSON, 1990, p. 47.

C) Com a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) – Havia grande rivalidade na época entre a Igreja Católica Apostólica Romana e as Igrejas Protestantes. As razões históricas são obviamente conhecidas e estão vinculadas à Reforma desencadeada pelo Dr. Martinho Lutero a 31 de Outubro de 1517 na Alemanha. Por isso quando se tratava de uma Igreja Protestante, os da ICAR impediam a progressão desta Igreja, acusando os pastores perante a PIDE de serem terroristas ou colaboradores dos terroristas, conforme aconteceu com o Pastor Noé Ndeutapo, que por várias vezes foi levado pelos católicos à PIDE.

D) Com as Religiões Tradicionais Africanas – Segundo Mbiti, “o termo religião tradicional africana dá o sentido mais amplo e é o mais compreensivo. Por isso, é o termo mais apropriado para se utilizar. Falamos de religiões tradicionais africanas no plural porque há por volta de mil povos africanos e cada um tem o seu sistema religioso”.³⁷ Este sistema religioso tornava difícil um membro duma comunidade sair para outro. Isto aconteceu em S. Salvador onde “estava a decorrer um julgamento de feitiçaria, numa aldeia situada apenas dois ou três quilómetros dali”.³⁸ O texto continua narrando este fato como segue:

- Alguns cristãos puseram-se imediatamente a caminho para tentarem pôr termo àquilo. Ao chegarem à aldeia, o julgamento já tinha começado: uma grande multidão de pessoas, praticamente despidas, dançavam e gesticulavam, em volta do curandeiro - feitiçeiro, o qual, embora estivesse quase nu, estava enfeitado com penas e pintado de vermelho, branco e preto, as cores próprias do seu ofício. Foi então que Wavatidi resolveu aproveitar a sua chance. Ela disse a todos que a Boa-Nova de salvação tinha chegado à terra e perguntou-lhes por que razões preferiam eles caminhar nas trevas em vez de na luz.
- Enquanto as pessoas ponderavam o que acabavam de ouvir, o curandeiro feitiçeiro fez a sua última tentativa para não perder autoridade. Desenhou rapidamente um círculo à volta de si mesmo e das poucas imagens que tinha ali consigo e desafiou fosse quem fosse a entrar lá dentro, sob pena de morrer. Wavatidi não hesitou e lançou-se corajosamente para dentro do círculo e, agarrando nas estátuas uma a uma, atirou-as para fora do círculo mágico. Naquele momento, chegaram os missionários, mas a “batalha” já havia sido

³⁷ Apud HOLDEN, Jim. *Brochura de Leitura*. p. 10.

³⁸ HENDERSON, 1990, p. 53.

ganha; não pelos embaixadores de Cristo, mas sim pelas próprias gentes nativas que até há pouco tinham vivido sob jugo da superstição e do medo”. Com esta superstição os membros de comunidade sentiam medo de aderir a uma nova religião.

E) Financeira e Materiais – Com a expansão do Evangelho, foi surgindo a necessidade de construção de novas missões e pagamento de missionários nacionais. Mas infelizmente a caixa missionária nunca esteve à altura de corresponder com as necessidades. Muitos missionários nacionais não têm salário até hoje e as pessoas das comunidades são muito pobres para garantir o sustento de seu missionário.

F) Humanas – Na medida em que novas áreas missionárias foram abertas, foi surgindo a necessidade de mais quadros, mas infelizmente os quadros são poucos. Embora a escola missionária aposte na formação de novos missionários, ainda não está a corresponder com as solicitações.

2.3 Parceria entre a MELF e a IELA

Esta parceria entre a MELF e a IELA é de longos anos. Por isso é importante fazermos uma analogia entre a IELA e a MELF recorrendo à base teológica e aos princípios de cooperação da MELF e da IELA.

2.3.1 A base teológica e os princípios de cooperação da MELF³⁹

1. A Missão de Deus no Mundo

A Missão de Deus é um mistério da Santa Trindade. Deus, o Criador Todo-Poderoso, está sempre em acção: cria nova vida e mantém a sua criação viva. A Missão tem de haver, antes de tudo, com a salvação, a acção de Deus em Cristo e com a chamada dos seguidores do Cristo e o mandamento para proclamar o evangelho.

O Espírito Santo é o verdadeiro dirigente e a força de iniciativa da missão. A Igreja Cristã é o instrumento e o sinal do reino de Deus. A Igreja é chamada para

³⁹ PELTOLA, Martti. *Nakambale*. Pietermaritzburg: Natal Witness Commercial Printers, 2002.

preparar a chegada do reino de Deus na sua totalidade, quando tudo vai ser criado de novo.

2. A Missão e a identidade da Igreja e de cada Cristão

A Missão é uma dimensão que não pode faltar na vida de nenhum cristão nem de nenhuma congregação. Por esta razão, a Missão Evangélica Luterana Finlandesa apoia a fortificação da identidade missionária da igreja, tanto na igreja finlandesa como em outros lugares, para que a igreja possa sempre ficar firme na sua missão. Entre a renovação espiritual da igreja e a missão, não há uma sem outra.

3. Interacção entre a fé e a cultura

O Evangelho tem sempre algum impacto na cultura, porque ele chama para avaliar a cultura e traz novos aspectos a cada cultura como deixar de consultar os adivinhadores em questões de saúde, assumir cargos de chefia ou querer possuir muita riqueza, a fidelidade no casamento e o ritual de sacrificar crianças. Na sua cooperação, a Missão Evangélica Luterana Finlandesa valoriza a contextualização da fé, assim que, pela interacção de tradições diferentes, procure-se adaptar a cultura/tradição local à fé cristã. Como por exemplo: certas tribos em Angola quase que andam nus. Só cobrem a região do sexo. Vêem na igreja do jeito que andam.

Os representantes das culturas/tradições locais são de máxima importância sendo eles crescidos na sua própria tradição. Os colegas de origens diferentes devem transmitir as experiências das suas igrejas. É por meio deste diálogo que a fé cristã poderá tornar-se relevante para os africanos.

4. O Evangelho total para toda a pessoa e todo o mundo

A bíblia não faz diferença entre as necessidades espirituais e as necessidades materiais. As parábolas de Jesus Cristo e o seu exemplo mostram os efeitos da fé na vida humana. Todos os aspectos da vida humana devem ser objecto da acção salvífica e curativa de Deus. O bom Deus, sendo Ele o criador, o redentor e o santificador, toma toda a pessoa no seu amor e deseja ajudá-la já neste mundo. O ministério da Missão Evangélica Luterana Finlandesa tem sempre sido guiado por uma visão holística da missão, com a ideia de que a missão pode renovar tanto uma pessoa particular como a vida de uma comunidade. A palavra e a acção andam juntas. As proclamações verbais juntadas com o serviço inspirado pelo amor de

Cristo comunicam as boas novas. A Palavra de Deus em si inclui não só a palavra mas também a acção.

5. A Missão Evangélica Luterana Finlandesa – uma agência missionária da igreja Evangélica Luterana da Finlândia.

A Missão Evangélica Luterana Finlandesa pretende desenvolver boa cooperação, assim com as congregações e distritos como também com os movimentos de reavivamento da Igreja Evangélica Luterana da Finlândia.

6. A Missão como o testemunho comum da igreja e dos cristãos

A Missão Evangélica Luterana Finlandesa participa nas conversas sobre as relações ecuménicas na Igreja Evangélica Luterana da Finlândia e adopta as decisões tomadas pela Igreja. A MELF espera que as Igrejas Luteranas possam reforçar a colaboração entre elas e que se unifiquem às diversas igrejas luteranas na mesma área.

A Missão Evangélica Luterana Finlandesa quer estabelecer e reforçar boas relações entre as igrejas e promover a unidade onde seja que seu ministério esteja presente. A MELF geralmente colabora com as igrejas luteranas. Sendo assim, o poder decisivo nos assuntos ecuménicos e a responsabilidade pelas relações ecuménicas pertence a essas igrejas locais. A MELF tem a vontade de desenvolver a colaboração com as organizações de outras denominações, sempre mantendo a sua identidade luterana.

7. Uma renovação contínua é essencial para a missão cristã

A renovação espiritual é o fundamento mais importante para toda a reorientação da missão. A renovação motiva os cristãos para a obra missionária e para a responsabilidade global. A missão e a renovação espiritual são interdependentes. A reflexão teológica ajuda a verbalizar as novas descobertas e em adaptá-las à realidade da vida de cada dia. A MELF vai, também no futuro, velar pela vida espiritual e procurar novas dimensões da missão.

8. A Missão Evangélica Luterana Finlandesa na cooperação missionária

A Missão Evangélica Luterana Finlandesa tem procurado, na sua história, boas maneiras de colaborar nos contextos variantes. No princípio da história da MELF falava-se mais de colaboração entre as agências missionárias. Depois chegou

a era de novas igrejas independentes. Desde os anos 1970, o trabalho da MELF tem sido caracterizado pela colaboração com vários parceiros.

As igrejas luteranas na Ásia, África, América Latina e Europa são os parceiros mais importantes da MELF. Segundo os princípios da MELF, ela tenciona sempre entrar em colaboração com as igrejas luteranas locais.

A intensificação da colaboração entre a Igreja Evangélica Luterana da Finlândia, as suas congregações, e as igrejas que cooperam com a MELF é um objectivo da colaboração na missão. A MELF participa no desenvolvimento dum novo modelo de colaboração e está envolvida em procurar meios mais concretos do que dantes para resolver questões ainda sem resposta.

9. Os princípios de cooperação

A Missão Evangélica Luterana Finlandesa convida os seus parceiros para procurar a visão para o futuro através da oração comum. A MELF convida os seus parceiros para apresentar objectivos do trabalho e para partilhar os recursos espirituais e materiais e para colaborar em fazer planos.

A MELF compromete-se, junto com os seus parceiros, a avaliar a qualidade e os resultados da colaboração.

10. O papel dos missionários

O missionário é o servo do Evangelho, o mensageiro do amor salvífico de Deus. De acordo com o conceito luterano de chamada ou vocação, testemunhar é o dever de cada cristão, seja qual for a sua profissão ou educação.

Na Igreja Evangélica Luterana da Finlândia, a palavra “missionário” se refere a uma pessoa que foi especialmente treinada para a obra missionária e que foi consagrada ao seu serviço, e que com algumas excepções, trabalha fora do país. O missionário do terceiro milénio está pronto para enfrentar os novos desafios surpreendentes do mundo em mudanças. Ele é corajoso e predisposto para colaborar com outras igrejas. O ambiente onde o missionário trabalha torna-se cada vez mais internacional.

As igrejas cristãs na Finlândia não apenas mandam missionários mas também recebem missionários.

2.3.2 A base teológica e os princípios de cooperação da IELA

Em termos de base teológica e princípios de cooperação, a IELA ainda carece de um maior aprofundamento. O que há encontramos-lo no Estatuto da Igreja, primeiramente no Capítulo I quando afirma: “A Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) é fundamentada na Bíblia, a Palavra Santa infalível. A doutrina professada pela Igreja conforme a Palavra de Deus está bem clara no símbolo Apostólico, no Símbolo Niceno e no Símbolo de Atanásio, na Confissão de Augsburgo, na Apologia da Confissão de Augsburgo, no catecismo Maior e Menor do Dr. Martinho Lutero; mas diante de todas estas confissões e outros escritos está a Bíblia como fundamento de fé e doutrina. Sob este fundamento a Igreja Evangélica Luterana de Angola tem possibilidades quer de cooperação ou de unificação com Igrejas, que de tal princípio professam a fé e assim empregam a Bíblia por esta Igreja”.

No Capítulo II do Estatuto está escrito: “A Igreja Evangélica Luterana de Angola é constituída pelas congregações e todas as áreas de acção missionária fundadas pelos missionários da Igreja Evangélica Luterana da Namíbia (ELCIN) em cooperação com a Missão Evangélica Luterana Finlandesa (MELF) e pelas congregações e áreas de acção missionária fundadas por esta Igreja.” É importante salientar que desde a unificação entre a IECLA e a IELSA o Estatuto ainda não foi revisto, por isso, não faz referência a Igreja que surgiu em Cabinda.

Está mais que claro que a IELA como Igreja tem dificuldades em dar a sua contribuição na cooperação porque não sabe bem onde se basear. E se ela quer melhorar a cooperação com os seus parceiros, é importante elaborar uma base teológica e princípios bem definidos, desafio que ultimamente a igreja vem assumindo com a convocação de alguns ministros para o estudo teológico em vários lugares fora de Angola. Mas sem dúvida, estes poucos artigos já lançam um importante alicerce sobre o qual a igreja poderá construir firmemente sua fé e sua acção missionária em prol da divulgação do evangelho e da graça de Deus em nosso país.

2.3.3 Contribuições mútuas entre a IELA e a MELF

Vimos acima a teologia de cooperação da MELF e da IELA, mas estas instituições trabalham com pessoas falíveis, conforme diz Paulo: “Porque não faço o

bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.” (Rm 7.19). E são estas pessoas que procuram pôr em prática a base teológica do trabalho da MELF e da IELA.

Por essa razão tanto a IELA como a MELF estão sujeitas a falhas e isto verifica-se na execução do trabalho. De facto, as relações me parecem interesseiras por ambas as partes. A IELA tem medo de denunciar o que está mal, pensando em perder a ajuda humana, financeira, espiritual e material que tem tido da MELF e a MELF, por sua vez, continua a olhar para as tarefas convencidos de que nada precisam da IELA. A IELA, na minha perspectiva, tem muito também a oferecer à MELF. A igreja africana não possui muitos meios materiais nem financeiros, mas é rica em aspectos religiosos e pode enriquecer a cristandade, a saber:

1. No equipamento religioso que o africano traz para a vida – Trata-se na realidade de certa forma de ver e interpretar o mundo, da existência de pressupostos que naturalmente determinam a atitude das pessoas e influenciam o seu comportamento. Alguém já comparou essa visão do mundo a um árbitro numa partida de futebol. Pode parecer de pouca importância e passar mesmo despercebido, mas é ele que decide o jogo.
2. No restabelecimento de uma filosofia centrada no ser humano – Os africanos acreditam que tudo quanto existe (incluindo o tempo) foi criado para benefício do ser humano. Embora os pontos fracos de tal convicção (como por exemplo, a falta de pontualidade ou um uso irresponsável dos recursos materiais) devem ser combatidos, uma coisa é certa: o ser humano ocupa o primeiro lugar na Criação; ele é a mais alta, a mais valiosa de todas as obras de Deus. Fala-se muito de desenvolvimento. Mas carros e arranha-céus, por mais luxuosos que sejam, não merecem tal designação! Desenvolvimento só pode ser o que torna a humanidade mais humana.

Nas suas campanhas ou actividades missionárias a igreja africana põe em relevo as pessoas e não os programas, o amor e não os números. A atenção e o cuidado que se dispensam às pessoas actuam, em relação ao materialismo, como um verdadeiro contra vento.

3. Na orientação da sociedade, ela é mais comunitária do que individualista. “Eu sou porque somos”, diz um provérbio africano – Na realidade, um africano não é um individuo no sentido estrito em que o é no Ocidente. Ele é, sobretudo, um ser em

comunidade. Ele ou ela faz parte de um todo orgânico. É neste quadro que devem ser vistas as fortes relações de sangue, cujo abuso conduz ao tribalismo. A igreja é, acima de tudo, uma família, uma família alargada, feita de afeição e solicitude. É uma unidade social em que se compartilham necessidades, em que as dores se sofrem em comum e se espalha o amor.

4. Na forma como os africanos adoram a Deus – Os cultos são geralmente animados e expressivos. Um culto que se assemelha a uma representação teatral em que uma ou duas pessoas se destacam ante a passividade da assistência, é inteiramente estranho à tradição religiosa africana. Na África a norma é a participação mútua, o envolvimento activo de dirigentes e dirigidos. Infelizmente quando o cristianismo foi introduzido no continente africano, a forma de culto adoptada obedeceu ao modelo da que era tradicional nas igrejas das missões fundadoras: anglicana, católica romana, presbiteriana, metodista, baptista, luterana.
5. A adaptabilidade cultural – A história dos africanos em diáspora (por exemplo, nas Américas do Norte e do Sul, e Índias Ocidentais) demonstra que os africanos não se deixam vergar facilmente pela adversidade. Não só conseguiram sobreviver às plantações da cana de açúcar, mas transformaram o próprio “deserto”, convertendo-o no seu lar. Resistência e flexibilidade verdadeiramente indispensáveis a missões que requerem o entrecruzamento de culturas. Para onde quer que se vá, seja a gelada Groenlândia ou a isolada ilha da Nova Zelândia, encontrar-se-ão sempre africanos em busca de uma de duas coisas: ou educação ou riquezas. Ora tal energia pode e deve ser canalizada no sentido das missões a nível mundial. No mercado de trabalho sai ainda menos dispendioso a manutenção de missionários africanos. Um estilo de vida simples é, na verdade, uma questão de necessidade, já que o suporte financeiro proveniente do seu país é muitas vezes inexistente ou, na melhor das hipóteses, irregular. Seria por isso adequado que vivam “pela fé”, porque é essa, de facto, a forma como subsistem.
6. Na Unidade – O Cristianismo chegou à África fragmentado. Os grupos missionários que invadiram o continente trouxeram um evangelho marcado pelas suas próprias diferenças denominacionais. Os missionários da Church and Missionary Society (CMS – Sociedade Eclesiástica e Missionária), provenientes de Inglaterra, fundaram igrejas anglicanas cujo modelo era, em todos os

aspectos, a igreja de Inglaterra. O mesmo se pode dizer dos presbiterianos que adoptaram o modelo da Igreja da Escócia.

A estratégia de missionação baseada num cortês reconhecimento mútuo segundo o qual cada grupo missionário trabalharia exclusivamente numa zona geográfica e com uma só tribo constitui, em última análise, uma ameaça à mensagem bíblica de unidade cristã. Foi assim que se produziram cristãos tribais. Ainda hoje, entre muitos cristãos africanos, a lealdade à sua tribo se sobrepõe a que devem à comunidade cristã. Considere-se quantos jovens cristãos são ainda impedidos pelos seus pais de casarem com pessoas de outras tribos, e isso apesar desses jovens se sentirem guiados por Deus na escolha que fizeram! Trata-se de uma atitude que escandalosamente se opõe a passagens bíblicas como Jo 17.21-23, Ef 2.14-18; 4.1-6 e Gl 3.28.

Em contrapartida, e contrastando fortemente com as divisões e a desunião introduzidas pelos missionários anteriormente, hoje em dia muitos missionários e africanos que adoram uma determinada divindade mantêm-se unidos no culto que lhe prestam, seja qual for a tribo a que pertencem ou o estatuto social que os separa.

Acredita-se de maneira geral, que “dividir para reinar” é a filosofia de Satanás. Não deixa, por isso, de ser intrigante que, mesmo com uma teologia comum, a Igreja se apresenta tão fragmentada, tão polarizada e tão dividida no que diz respeito a aspectos raciais e sociais!

7. No carácter sagrado da vida – O africano atribui à vida o mais alto valor, ela aparece-lhe como algo santo e inviolável. A vida é vista como pertencendo apenas a Deus, ao Deus Supremo, como Sua propriedade exclusiva. Ninguém pode criar a vida e ninguém tem o direito de lhe pôr fim. A preocupação religiosa do homem é precisamente afirmar a vida, torná-la boa, plena, realizada. A observância de certas normas e tabus relacionados com o culto à divindade é, para o africano devoto, não só um dever, mas um desejo, já que ele acredita na acumulação de força vital ou energia divina, que assim lhe é proporcionada. Tudo o que afirma a vida, é positivo; e o que a nega, é vício. A expressão “vida por

vida” descreve bem o valor que era atribuído à vida pelos antigos. Temas como a eutanásia ou lares para idosos são-nos inteiramente estranhos.⁴⁰

8. Na aproximação holística à realidade da vida – Pode-se dizer que, na verdade, a dicotomia entre o sagrado e o profano, o espiritual e o material, a separação entre o político e o religioso é um conceito estranho aos africanos, provavelmente introduzido nos tempos do colonialismo. Para um africano a religião não se limita a um compartimento da existência, é subjacente à própria vida, permeando-a por completo. A mente africana não vê em nada do que acontece o resultado de uma simples relação de causa e efeito. A todas as acções, reacções e acontecimentos se dá uma interpretação religiosa. A realidade é como um tambor: a vibração propaga-se qualquer que seja o ponto em que se toque. Assim se explicam os paradoxos da vida, como o bem e o mal, que os africanos aceitam e com os quais convivem em vez de se preocuparem com o “porquê e com o “como” da solução. É uma aproximação holística à realidade que implica idêntica e dinâmica atitude face às necessidades humanas. “O que é bom para a alma é bom para o corpo”, diz um provérbio zulu.
9. O respeito pela natureza – Embora acreditando que todas as coisas existem para benefício da humanidade, os africanos não abusam da natureza nem fazem mau uso dos recursos. Provavelmente porque pertencem a uma sociedade de economia agrícola, e sabendo que a sua vida depende fortemente da natureza, e em particular da terra, os africanos têm em alta estima o ambiente em que vivem. O que nos aflige tem sobretudo a ver com a pobreza, a doença e a higiene. É bem possível que esse respeito pela natureza encontre a sua raiz numa atitude religiosa, já que são frequentes os casos em que rios, montes, árvores e certos animais são revestidos de atributos divinos, chegando mesmo, por vezes, a tornar-se objecto de culto.
10. Ao olhar a história e ter dela um conceito renovado – Tal como os judeus, os africanos sentem-se particularmente fascinados pela história. Nos tempos antigos as crianças aprendiam a conhecer a vida dos seus antepassados através das histórias que ouviam contar, bem como de dramatizações capazes de fazer reviver acontecimentos passados. Os velhos palácios, cheios de tradições, têm

⁴⁰ CABRAL, Maria Alice dos Santos. *O Sector Informal em Angola: a solidariedade como tradição e estratégia de sobrevivência no mercado da Caponte em Benguela*. Benguela: KAT Consultoria & Formação, 2006. *passim*.

sempre ao seu serviço historiadores “nacionais” que gozam da mais alta consideração.

A fé cristã está profundamente enraizada na história: a chamada e a promessa de Deus a Abraão, a aliança que Deus fez com David, a rebelião, o cativeiro e a restauração de Israel, o acontecimento cristológico. A igreja não pode ignorar a sua história. A história não só nos adverte, pondo-nos de sobreaviso contra erros teológicos, como aponta para o futuro lembrando-nos a promessa da vinda de Cristo e exortando-nos à verdade e a fidelidade.

Com estas falhas, tanto de um como de outro, vê-se claramente que cada um está aprendendo do outro. Assim espera-se nos próximos tempos uma cooperação mais sadia para o bem do Evangelho e da missão para a qual ele vocaciona suas igrejas.

3 ANÁLISE CRÍTICA DA ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DA IELA E PERSPECTIVAS

3.1 Análise Crítica da Ação Missionária da IELA

Analisando criticamente a ação missionária da IELA, verificamos que nem tudo foi feito bem. E compreende-se porque todo ser humano é sujeito a falhas e missionários são seres humanos. O importante é ser flexível a críticas e correções. Sendo assim, historicamente, nos deparamos com alguns fatos notáveis: os primeiros missionários luteranos nas áreas missionárias construíram estações missionárias permanentes chamadas “missões”, como no caso das missões de Omupanda, Ondjiva, Namayaka, Omatemba e Shangalala que serviam como postos de partida para as áreas de evangelização. Esta última é a única “missão” que prevaleceu, pois as demais foram recuperadas pelos católicos a partir dos conflitos surgidos com os portugueses depois do Tratado de Berlim (1884-1885). Na época, a “missão” de Shangalala já não era um posto missionário, mas uma sede da Igreja que era liderada pelos próprios líderes da comunidade angolana e que foi aproveitada simplesmente pelos “missionários estrangeiros”, ficando estacionada em sua progressão.

O apóstolo Paulo não construiu uma estação missionária permanente. Ele era móvel e isto lhe permitia abrir igrejas autóctones. Os missionários da IELA não tinham uma estratégia bem delineada. Começaram com construções de estações permanentes, e não tardou passarem de aldeia para aldeia, depois de aldeia para as cidades e, por último, de cidades para aldeias e de cidades para cidades. As ações evangelísticas eram decididas em função das “portas abertas”, isto é, das oportunidades. Era uma ação não propositada, agiam assim espontaneamente.⁴¹

Ao que parece, Paulo era alguém que planejava suas ações, ele ia onde o Espírito lhe permitisse que fosse a exemplo de Betânia e Macedônia. A sua missão orientava-se de cidade para cidade, e só não o fazia quando surgia um impedimento maior.

⁴¹ NDAWANAPO, Tomás. *As influências religiosas e educativas da Igreja Evangélica Luterana de Angola no seu contexto ontem e hoje*. 2010. 77 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010.

Paulo fez com que as cidades se tornassem importantes porque ele era o tipo de homem que tinha a capacidade para anunciar o evangelho em comunidades urbanas e seguiu a cultura grega.⁴² Esta sua capacidade de transitar do ambiente judaico para o mundo e a cultura grega o habilitou para anunciar a Cristo ao mundo assim dito gentio. Em muitos lugares ele foi bem sucedido e lá surgiram comunidades cristãs vivas e atuantes. Noutros, nem tanto: em Atenas, por exemplo, mandaram-no embora, quando anunciou a mensagem da ressurreição (Atos 17).

A aplicação do princípio de igrejas estabelecidas por meio da ação missionária a partir de uma cultura à outra não foi satisfatória para a IELA, porque em várias questões a igreja nacional ainda não tem posição clara. Seguem alguns dos principais problemas sentidos na igreja em seu conjunto:

a) Quanto ao auto-governo – Após a retirada dos missionários alemães, o campo missionário de Angola tinha sido entregue a Igreja Evangélica Luterana da Namíbia (ELCIN), e desde lá a IELA sempre dependeu desta, principalmente na questão de liderança.⁴³ As lideranças da IELA dependiam do Bispo da ELCIN, de quem recebiam todas as orientações ligadas à Igreja. Só em 1992 é que a IELA tornou-se autônoma, mas mesmo assim sofreu a influência dos parceiros, principalmente da Missão Evangélica Luterana Finlandesa (MELF) que sempre manteve no Conselho Executivo da Igreja – órgão executor nacional, a participação de um seu representante. Como esta organização missionária finlandesa é uma das principais parceiras que financiam o trabalho da IELA, no fim acaba por ditar as regras. Ocorre que, por sua parte, a IELA em termos de governo ainda não definiu com precisão seu Estatuto e Regulamento. Não sabemos se somos episcopais ou do regime presidencialista porque quando se vai ao Sínodo não se sabe quem vai se eleger. O Estatuto diz que para ser bispo é necessário $\frac{3}{4}$ de votos e quando não se atingiu esta votação fica presidente.

b) Quanto ao auto-sustento – Pouco ou nada se faz. Geralmente o dinheiro para construção de templos, escolas, hospitais e até para compra de carros motorizados, mobília para os escritórios e outros equipamentos. O necessário ao bom andamento administrativo da IELA, vem do estrangeiro. Desde muito cedo,

⁴² Cf. SCHERER, James A. *Evangelho, igreja e reino*. São Leopoldo: Sinodal, EST-IEPG, 1991. p. 59-64.

⁴³ Cf. BOSCH, 2002, p. 353-362, nas quais o autor discute este problema.

deixou-se de ensinar os membros da igreja a darem os dízimos e quotas que pudessem gradativamente libertar a igreja nacional da dependência do exterior, ainda que isto pudesse significar pobreza de recursos e dificuldades para o auto-sustento. Este é um processo que precisa ser estudado com atenção e cuidado na igreja atual.

c) Quanto à auto-propagação – a Igreja confinou-se durante anos na província do Cunene. Mas conforme aconteceu em Jerusalém quanto a Igreja foi perseguida (Atos 8.1: “Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém ; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria”), assim foi também com os luteranos em Angola, espalharam-se na província da Huila e Namibe. Para superar as dificuldades e caminhar em direção a uma autonomia eficaz, a IELA tem realizado no Instituto Bíblico de Shangalala cursos para missionários angolanos.

A cultura do povo em algumas questões não foi respeitada, infelizmente proibiram-se vários elementos como o uso de tambores e outros instrumentos, assim como a forma de se vestir própria dos africanos, impondo a cultura do Ocidente europeu. Exemplo concreto nota-se aos domingos, pois, mesmo se estiver a fazer 40 graus de temperatura, os cristãos se sentem bem vestidos se colocarem a gravata e o casaco.

A IELA tem o Instituto Bíblico de Shangalala, onde forma os seus quadros em quatro ministérios, a saber: catequistas, diáconos, missionários e pastores. Mas o aproveitamento é muito débil porque até aqui não está bem definido com que habilitações devem entrar neste Instituto. Como resultado, entram no Instituto alunos que não têm habilitações suficientes para assumirem os desafios dos diferentes ministérios. Sendo assim, o aproveitamento quase é nulo.

Paulo desde o principio estabeleceu igrejas auto-governadas, auto-sustentadas e auto-propagadoras e respeitou a cultura do povo, desde que esta não entrasse em conflito com as Escrituras. Como aplicar esta orientação em uma igreja africana como a IELA? Há desafios nesse sentido que precisamos enfrentar com urgência para nos tornarmos uma igreja missionária em nosso país.

3.2 A necessidade da elaboração de uma estratégia missionária

Se se quer ter uma IELA mais forte e missionária, precisa-se de uma combinação multifacetada de estratégias como aquelas adotadas por Paulo em seu tempo e contexto, além de considerar as circunstâncias do tempo em que vivemos e do lugar onde atuamos como igreja nacional, ao invés de só limitar-se à estratégia e ao planejamento.

Paulo tinha uma estratégia padrão em relação à mensagem, uma solução específica quando à sua comunicação, quer aos Judeus, quer aos gentios. Trata-se de deixar acontecer e planejar parcial, isto é, o plano deve estar sob a orientação do Espírito, pois quando Paulo quis ir a Betânia, o Espírito o impediu e o encaminhou para a Macedônia. As ações humanas devem se submeter ao Espírito que sopra onde e quando quer.

A IELA chegou num momento em que as oportunidades apareceram, mas parece que não soube aproveitá-las e isto retardou a expansão do evangelho. O primeiro missionário, o renano Hugo Hahn, não havia aceitado o convite do rei Mweshipandeca em 1871, assim como os missionários Finlandeses Tolonen e Malmstrom.⁴⁴ Aconteceram várias vezes em que eles, encontrando dificuldades, preferiram retirar-se.

Nos dias atuais, tem ainda o problema de não se saber qual é a área próxima onde atuar. Isto faz com que nada se realize em termos de ações missionárias ou de acompanhamento às comunidades, ou, caso se faça algo, poucos resultados práticos e administrativos são alcançados. O pior tem sido começar uma missão e, se surgem dificuldades durante as caminhadas, muitas áreas têm sido abandonadas. Isto acaba por desacreditar a igreja e as pessoas perdem a confiança na ação missionária.

Estes fatos, brevemente mencionados e cuja análise caberia ser aprofundada, bastam para demonstrar que a IELA precisa elaborar um Plano Estratégico. Evidentemente, um plano não condiciona o futuro nem mesmo representa a solução de todos os problemas da igreja, mas ele pode se tornar um indicador e uma ajuda para que a ação missionária da igreja seja mais eficaz e responda melhor às demandas e ao clamor das comunidades.

⁴⁴ Cf. BOSCH, 2002, p. 360.

3.3 Perspectivas para o Futuro

A partir da análise crítica feita queremos colocar alguns argumentos em termos de perspectivas para o futuro da IELA no país. Estes elementos brotam tanto da análise histórica realizada acima, como também da prática ministerial exercida na igreja e em cooperação com lideranças e colegas de ministério. Não refletem apenas opiniões pessoais, mas são fruto dos debates internos realizados na igreja e visam colaborar para a sua renovação e os novos caminhos que se abrem neste novo século.

Como igreja estabelecida por meio do ministério intercultural, deve ser aconselhada a ser autóctone, pois isto permitirá à Igreja ser auto-governada, auto-sustentada e auto-propagadora. O respeito pela cultura do povo, desde que não se transgrida as Escrituras, deve ser a base do anúncio do Evangelho. Este é um argumento que mais e mais emerge como desafiador para a IELA. Para concretizá-lo há que conversar muito com as pessoas, ouvir opiniões, tomar decisões quanto possível de forma consensual, além de seguir sempre o conselho maior de Paulo: “acima de tudo, porém esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3.14).

Sugere-se que se trace um princípio de cooperação com a MELF, FLM, ELCIN, IECLB, ELCA e outras organizações e instituições, as quais colaboram com ou venham a cooperar com a IELA.

A IELA em cooperação com qualquer outra agência missionária não deve só receber, deve também dar porque tem muita experiência a oferecer conforme nos referimos antes neste trabalho.

Deve-se formar quadros para todos os níveis a fim de aumentar a capacidade de avaliar e analisar o problema da fraca preparação da liderança e para delinear uma ação apropriada com vistas ao futuro das comunidades e do próprio povo angolano. A IELA – enquanto igreja missionária – não pensa apenas em crescer, mas também em como melhor servir e acompanhar o povo deste país.

Recomenda-se ser importante a planificação para a obra missionária. Mas é importante ter-se em conta a estratégia, visto nos permitir a adaptar o nosso plano a novas realidades.

A Igreja deve formular ou fazer constar no Estatuto e Regulamento numa forma mais abrangente os princípios de cooperação com as igrejas nacionais, estrangeiras e missões transculturais. Sugerimos que deve haver um alto grau de correlacionamento entre as estratégias empregadas pelas missões nacionais e as estrangeiras. O planejamento deve ser o resultado da oração e da consulta.

Segundo Hesselgrave, na tomada de decisões, “[...] os representantes das congregações que participam de trabalho, esforço de extensão da igreja, devem estar envolvidos no planejamento bem como na execução dos planos. Este é especialmente o caso nas sociedades democráticas, mas tem aplicação universal”.⁴⁵ Em segundo lugar, “embora haja grande sabedoria em incluir representantes, sempre há o perigo de se esgotarem os insumos cooperativos na tomada de decisões e no planejamento”.⁴⁶ Abaixo apresentamos o modelo de Hesselgrave para a cooperação entre as Missões Nacionais e Estrangeiras que pensamos conveniente e exequível para a IELA.



Sugere-se o fortalecimento de instituições formais: institutos bíblicos, escolas e hospitais. Isto também requer conhecimento local e muitas vezes a formação das lideranças. Nesse sentido, faz já algum tempo que a IELA procura enviar algumas de suas principais lideranças nacionais para estudos no exterior, por

⁴⁵ HESSELGRAVE, David J. *Plantar Igrejas: um guia para Missões Nacionais e Transculturais*. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 64.

⁴⁶ HESSELGRAVE, 1984, p. 65.

exemplo, no Brasil, para que busquem formação e, no retorno ao país, possam melhor servir a igreja. A formação de quadros para todos os níveis joga um papel importante para aumentar a capacidade de avaliar e analisar o problema da fraca preparação da liderança e para delinear uma ação apropriada.

Sabendo-se que a evangelização é um dos elementos da *Missão de Deus* e sempre é maior que as ações das igrejas, sugere-se a criação de um Departamento de Missão e Evangelização mais ativo e atuante, ao qual caiba a o planejamento, a coordenação de ações e despertamento das congregações, ainda que pequenas em sua visão missionária, atendendo assim ao envio de Jesus como lemos em Atos 1.8: “[...] mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. Este envio desafia a todos os cristãos na obra missionária. E a responsabilidade de envio dos missionários é incumbida à Igreja local, conforme vemos na experiência da igreja de Antioquia (Atos 13).

Paulo e Barnabé foram enviados pela igreja local de Antioquia. A igreja local enviou os mais capacitados, os seus melhores quadros dentre a equipa pastoral em obediência ao Espírito Santo. Não havia temor. A igreja reconheceu e confirmou o seu chamado e sem medo os enviou confiando no Deus que supre. Foi em Antioquia que os seguidores de Jesus foram pela primeira vez chamados de “cristãos” (Atos 11.26).

Se houve alguém que sabia como fazer viagens missionárias e reunir uma equipe de apoio, esse alguém foi o apóstolo Paulo. Ele disse: “Como pregarão (irão), se não forem enviados?” Em Romanos 10, ele fundamentou a vitalidade do avanço transcultural sobre estes dois níveis de envolvimento: aqueles que vão e aqueles que enviam.

No texto, primeiro Paulo citou Joel: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Romanos 10:13). Em seguida, com uma lógica clara e bem inteligível para a mente romana, ele perguntou: “Como, porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue?” (v.14). Sim, é preciso que haja um “pregador” - o missionário, o mensageiro transcultural, aquele que vai. Seja qual for o título e o meio com que ele chega lá, tem de haver um proclamador das boas novas.

Mas ainda há uma pergunta nesta seqüência: “E como pregarão se não forem enviados?” (v.15). Paulo compreendeu que há outros, além dos que vão que devem estar envolvidos neste esforço evangelístico mundial: aqueles que cumprem a missão de enviar. Nesse sentido, Pirolo, um autor que analisa a questão do envio contemporâneo de missionários, afirma que “os que vão e os que enviam são duas unidades na mesma equipe de avanço transcultural. Ambos são igualmente importantes. Ambos estão envolvidos de forma vital no cumprimento da Grande Comissão. Ambos estão integrados de modo dinâmico e se movem em direção ao mesmo alvo. E ambos têm o objetivo alcançado, pois os que estão no serviço de Deus estão do lado da justiça e da solidariedade!”⁴⁷

É nesta urgência que Queiroz⁴⁸ nos apresenta cinco sugestões para uma igreja pequena dar passos firmes em direção a uma ação missionária em sua realidade, a saber:

a) Confiança em Deus: Queiroz diz que “devemos entender que o plano de Deus para a igreja é a implantação do Seu reino, através da pregação do evangelho a todas as nações, não importa o tamanho da igreja. O que faz a diferença é o tamanho de nosso Deus”⁴⁹. Isto se comprova quando lemos em Jeremias 33:3: “Invoca-me e te responderei, anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes”. A Bíblia mostra que Deus é poderoso, quando lemos em Efésios 3:20-21 - “[...] àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós [...]”. Por isso, não há razões para não se assumir o desafio de participar da missão de Deus, porque o nosso Deus é Todo Poderoso e sempre está ao nosso lado.

b) Missão sob oração: Queiroz escreve que “através da oração, a igreja pode fazer um movimento missionário e atingir nações. Desafie os membros de sua igreja a orarem em suas casas, no trabalho, nos momentos de folga, na igreja, etc. Através da oração, vidas serão movidas por Deus; portas, abertas; missionários, abençoados; vidas, salvas”.⁵⁰ A igreja precisa depender de Deus em atitude de oração.

⁴⁷ PIROLO, Neal. *Missão de Enviar: como sustentar o seu missionário*. Londrina: Descoberta, 2001. p. 19.

⁴⁸ QUEIROZ, Edison. *A Igreja Local e Missões*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 62.

⁴⁹ QUEIROZ, 1998, p. 62.

⁵⁰ QUEIROZ, 1998, p. 62.

c) Evangelização pessoal: Queiroz argumenta que “os crentes não evangelizam, porque não sabem como fazê-lo”.⁵¹ Esta é a realidade que vivemos dentro das nossas igrejas. Os membros devem ser encorajados a melhor exercer as suas tarefas mediante prévio treinamento de sua liderança. Os resultados exitosos não tardarão a parecer.

d) Desafie ao campo missionário: Queiroz fala que “mediante pregação, ensino, recomendação de livros, etc., você pode desafiar pessoas a se entregarem para a obra de missões”.⁵² De fato estes procedimentos, quando bem usados, poderão mobilizar os membros para esta grande tarefa que nos espera. A missão de levar a mensagem é urgente e exige a participação de cada membro e sua contribuição.

e) “Desafie os membros a contribuírem financeiramente”. Segundo Queiroz, “uma igreja pequena pode fazer muito para missões, através da contribuição financeira de seus membros”.⁵³ Falar de dinheiro nas nossas igrejas é como se fosse uma ofensa. Logo que se começa a tocar no assunto a resposta sempre é a mesma: “nós também não temos”. Será isto verdade? Muitas vezes falta este desafio. Vamos desafiar os crentes a contribuírem e veremos o resultado positivo.

Cabe ainda observar o que encontramos em Romanos 15: 20, pois ali Paulo escreve: “[...] esforçando-me deste modo por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio”. Precisamos tirar daqui perspectivas para os desafios atuais.

Queiroz encontra neste versículo três estratégias que servem para uma igreja local, a saber: 1) A estratégia de “compromisso”. Se olharmos para a primeira frase de Paulo: “... esforçando-me deste modo por pregar o evangelho...”, vê-se que ele usa o verbo “esforçar-se”. Segundo Queiroz, para Paulo “a pregação do evangelho não era apenas uma obrigação nem algo de moda que deveria ser feito, mas o resultado de um compromisso sério com a pessoa e a obra de Jesus Cristo.”⁵⁴ Paulo era um homem comprometido com o evangelho de Cristo, e algumas de suas afirmações demonstram claramente isto: “Sou devedor” (Rm 1.14); “ai de mim se não pregar o evangelho”. (1 Co 9.16); “para mim o viver é Cristo e o morrer é

⁵¹ QUEIROZ, 1998, p. 62-63.

⁵² QUEIROZ, 1998, p. 63.

⁵³ QUEIROZ, 1998, p. 63.

⁵⁴ QUEIROZ, 1998, p. 62.

lucro” (Fp 1.21). É admirável o nível de compromisso deste homem. Ele sabia que Cristo é a única solução para o problema da humanidade.

2) A estratégia de “coordenação”. Em Romanos 15.20, Paulo escreve: “[...] não onde Cristo já fora anunciado”. Segundo Queiroz, “este homem, por ser cheio do Espírito Santo, tinha uma visão pioneira. Parece que tiramos a palavra pioneiro de nosso vocabulário, mas o apóstolo Paulo, não. Ele era um homem que queria avançar mais e mais com a pregação do evangelho”.⁵⁵

Em Mateus 28.18-20, onde Cristo enviou seus discípulos a todos os lugares, ele afirma que “devemos fazer discípulos de todas as nações”. A palavra que corresponde a nações, no original grego, é *ta ethné*, de onde vem nossa palavra “etnia”, em português. Portanto, o que Jesus tinha em mente não era a divisão político-geográfica que temos no mundo hoje, mas ele se referia a etnias ou grupos étnicos. O que isto pode significar para a realidade africana e, especialmente, de Angola hoje deve ser objeto de preocupação e debate na IELA. No final das contas, trata-se aqui da fidelidade ao mandato de Cristo e de como ele mesmo realizou a caminhada missionária em seu ministério na Palestina.

3) A estratégia de “cooperação”. Também em Romanos 15.20, na terceira frase, Paulo indica seu trabalho em cooperação com outros irmãos: “para não edificar sobre fundamento alheio”.

Paulo respeitava o trabalho dos outros irmãos. Ele não queria edificar onde outro já estava edificando, por causa da visão pioneira que possuía. Isto significa respeito pelo outro pregador, mas ao mesmo tempo, a ousadia de ir adiante, de situar-se em novos lugares onde Cristo ainda não foi anunciado nem é conhecido.

Infelizmente, um dos grandes problemas da igreja hoje é a falta de unidade, decorrente da falta de respeito ao trabalho do outro irmão. Somos excessivamente denominacionalistas e, em vez de implantar o reino de Deus, estamos implantando nossas denominações. Isto pode ser entendido como nosso pecado. Alguns grupos estão fazendo pesquisas nas cidades onde não há igrejas de sua denominação, para começarem um trabalho ali, mesmo que haja outras igrejas trabalhando. O objetivo deles é ver a sua denominação naquele lugar.

⁵⁵ QUEIROZ, 1998, p. 109.

Queiroz fez uma lista dos prejuízos que temos por causa dessa visão denominacionista e da falta de respeito ao trabalho dos outros, a saber:⁵⁶

1 – Tal prática é um mau testemunho para a comunidade local. Quando um incrédulo vê em sua cidade diversas igrejas com nomes diferentes, e ainda chega mais uma com outro nome, ele se pergunta: “Por que tantas igrejas? Qual é a igreja certa?”

2 – Não deixa de ser duplicação de esforços. Se já existe alguém pregando o evangelho, por que vou lá pregar também, sendo que há pessoas que nunca ouviram uma só vez o evangelho de Cristo? Estratégias de cooperação são algo eminentemente ecumênico, o que exige diálogo e entendimento comuns.

3 – Há ainda a má administração dos recursos financeiros. Estamos concentrando os recursos num lugar onde outros irmãos já executam a obra. E com isto, possivelmente, se deixa de atender e atingir outras áreas carentes e talvez receptíveis ao evangelho.

4 - Outra consequência é a falta de unidade. Não estou afirmando aqui que não devemos pregar o evangelho em lugares onde já existem igrejas. Creio que quanto mais igrejas consigam vivenciar a mensagem de solidariedade e prática da justiça, melhor para a expansão do reino de Deus. Mas deveríamos planejar em conjunto com outros irmãos uma estratégia em que cada igreja trabalhasse num certo setor da comunidade, onde seria facilitada o alcance de todos, demonstrando-se unidade espiritual para os descrentes.

Neste contexto o relacionamento entre a igreja local e as juntas ou agências missionárias é muito importante. Conforme Queiroz,⁵⁷ é possível definir o papel de cada um dos parceiros como segue:

- O papel da igreja nacional, segundo Queiroz,⁵⁸ é: “a) Reconhecer a chamada e selecionar os candidatos; b) Treinar o candidato; c) Enviar o missionário; d) Cuidar do missionário”.

⁵⁶ QUEIROZ, 1998, p. 111.

⁵⁷ QUEIROZ, 1998, p. 54-57.

⁵⁸ QUEIROZ, 1998, p. 54-55.

- O papel das agências ou juntas missionárias é: a) Prover treinamento específico para o missionário; b) Orientar quanto às melhores oportunidades; c) Executar o serviço burocrático”.

As igrejas devem ser estabelecidas por meio do ministério intercultural.

CONCLUSÃO

Após um longo período de pesquisa, reflexão, graças a Deus chegou-se ao fim deste trabalho. Para se ter dados mais completo, tive que recorrer aos escritos da IELA e a materiais das bibliotecas da EST e do ISTEEL. À luz de tudo quanto se disse nos capítulos anteriores, pode-se concluir o seguinte:

Quanto às estratégias missionárias, a história da missão cristã nos mostra estratégias diferentes para atingir os seus objetivos. Alguns usaram a estratégia de “solução padrão”, isto é, sem olharem naquilo que os outros estão a fazer; outros usaram a estratégia de “deixa acontecer”, não planejaram nada, conscientes de que Deus é soberano e à medida que agiam seriam corrigidos pelo Espírito Santo; ainda houve uns que usaram a estratégia de “planejamento parcial”, adaptando os planos de acordo com a realidade de cada área.

O uso de estratégia no sentido genérico tem sustentação bíblica, podemos comprovar isto em Provérbios 15.22: “Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito”. No entanto, isso não garante que uma obra missionária alcançará seu objetivo, pois o sucesso administrativo da missão não concorre da mesma forma que o sucesso espiritual, uma vez que o próprio Jesus agiu de forma pensada, sem, no entanto, ter alcançado as pessoas diretamente com sua mensagem (Lc 10.1-20; 14.25-33). O que temos é a advertência de que missão exige renúncia e, por vezes, não significa sucesso garantido.

É assim que deveria agir cada pessoa na sua vida singular ou coletiva, usando estratégia, conforme agiu também o apóstolo Paulo, porém submetendo-se à orientação do Espírito Santo e da própria comunidade. Paulo queria ir a Betânia, mas o Espírito Santo o impediu e lhe dirigiu para a Macedônia, como vimos no relato de Atos.

Este exemplo de Paulo, o seu entusiasmo, a motivação, a santificação e a proclamação da palavra tiveram implicações catalisadoras para os luteranos trazerem o evangelho de Cristo à África e, concretamente, em Angola.

Assim, chegaram os missionários luteranos em Angola em 1816 na província do Cunene. Sem nenhuma estratégia, contrariamente ao que Paulo ensinou. Das

estratégias de Patê e Dayton, como estudadas acima, a IELA identifica-se principalmente com as estratégias tais como “Deixa Acontecer” ou “Planejamento Parcial”. A Palavra de Deus como o meio de comunicar a salvação foi tida como normativa, ainda que os procedimentos, os modos operativos dependessem do missionário ou grupo de missionários.

A implantação da IELA teve os seus altos e baixos, por isso, deve-se dar maior importância à formação de uma liderança capaz, na formação de quadros, na extensão geográfica e no estabelecimento de uma igreja autóctone que corresponda às ansiedades tanto do passado quanto do presente.

Por isso, vemos que a IELA no Cunene, apesar de se instalar lá desde 1816, até 1975 não ultrapassou as fronteiras da Província do Cunene, enquanto Cabinda, resultado de um trabalho mais recente, de 1984 a 1990, atingiu a capital do país e a segunda cidade de Angola na altura de Huambo. É notável que a IELA que surgiu de Cabinda até 1995 tinha somente um pastor formado vindo da IECA.

Ainda assim, a IELA, que surgiu do Cunene e de Cabinda, e que não tinha nada definido em termos de estratégia, teve suas diretrizes administrativas alijadas de planejamento e, conseqüentemente, acabou por agir conforme a situação exigia. Diferentemente de Paulo, como pudemos perceber neste trabalho, o qual tinha, via de regra, delineado seus planos de ação missionária, pois ele queria alcançar as cidades para que o evangelho atingisse mais facilmente outras localidades do mundo greco-romano.

A IELA está num bom caminho nos dias de hoje para se tornar uma igreja forte e com evidente caráter missionário. O que notamos é a luta pela unidade e isto se fez transparecer em 1994 quando a IELA e a IECA uniram-se e agora caminham de mãos dadas para alcançar com o Evangelho, em simultaneidade, tanto os Angolanos quanto outras regiões da África. Urge melhorar a gestão a todos os níveis, particularmente em nível de centros rurais e urbanos. Flexibilidade sob a orientação do Espírito Santo significa replanejamento contínuo, o que requer o uso eficiente da informação do campo a ser explorado. Isto não significa, necessariamente, mais informação, mas sim informação apropriada e de qualidade. Examinando a estratégia do apóstolo Paulo, pode-se afirmar que aquele é um modelo indispensável na senda da implantação de igrejas inseridas em contextos

étnicos diferentes, fiéis ao Evangelho e ao Espírito de amor que o caracteriza em última instância.

De forma categórica, à IELA cabe realizar os necessários fomentos à prática da estruturação das comunidades, a saber: reconhecer o chamado do Espírito e das comunidades quando os candidatos forem levantados; treiná-los no espírito de amor e dedicação; enviá-los aonde seja necessário, cuidando deles quando precisarem, uma vez que a tarefa missionária, por vezes, por ser uma tarefa solitária. Estas ações muito podem ajudar na hora de elaborar os passos táticos dos afazeres estratégicos que à IELA cumpre realizar para que o Evangelho seja efetivo em seu contexto intercultural, pois o contexto da África é em si uma grande amálgama cultural.

REFERÊNCIAS

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2002.

BULTMANN, Rudolf Karl. *Historia de la tradicion sinoptica*. Salamanca: Sígueme, 2000. *passim*.

_____. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.

CHARLES, Arlindo José; MARQUES DE SÁ, Lucilene Antunes Correia. Cartografia Histórica da África: mapa cor de rosa. 1º SIMPÓSIO BRASILEIRO de Cartografia Histórica: passado presente nos velhos mapas: conhecimento e poder. Paraty, 10 a 13 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CHARLES_ARLINDO_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2011.

DAYTON, Eduard R.; FRASER, David A. Os 2,4 bilhões: por que continuamos tão indiferentes?. In: HAWTHOME, Steven C.; WINTER, Ralph D. (Org.). *Missões Transculturais: uma perspectiva histórica*. São Paulo, Mundo Cristão, 1987.

GEORGE, Timothy. *Fiel testemunha: vida e obra de William Carey*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.

GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HENDERSON, Lawrence W. *A igreja em Angola: um rio com várias correntes*. Lisboa: Editorial Além Mar, 1990.

HESSELGREVE, David J. *Plantar Igrejas: um guia para missões nacionais e transculturais*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

LUTERO, Martinho. Da liberdade cristã. In: *Obras Seleccionadas: o programa da Reforma e Escritos de 1520*, v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 435-460.

LUTHERAN COMMUNION IN SOUTHERN AFRICA: a sub-region of Lutheran World Federation: Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA). Disponível em: <<http://www.lucsa.org/about-us/member-churches/angola-iel.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

NDAWANAPO, Tomás. *As influências religiosas e educativas da Igreja Evangélica Luterana de Angola no seu contexto ontem e hoje*. 2010. 77 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010.

PELTOLA, Martti. Nakambale. Pietermaritzburg: Natal Witness Commercial Printers, 2002.

PIROLO, Neal. *Missão de Enviar: como sustentar o seu missionário*. Londrina: Descoberta, 2001.

QUEIROZ, Edison. *A Igreja Local e Missões*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

REIS, Gildásio. *Paradigmas missiológicos no Novo Testamento*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/missoes/paradigmas-missoes_gildasio.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2011.

SCHERER, James A. *Evangelho, igreja e reino*. São Leopoldo: Sinodal, EST-IEPG, 1991.

SCHNEIDER, Nélio. Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes, e vários já dormiram (1 Co 11.30): pecado e sacrifício na ceia do Senhor. *Estudos Teológicos*, v. 36, n. 2, p. 119-128, 1996.

ZWETSCH, Roberto E. Prática da missão em perspectiva ecumênica. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e Ecumenismo na América Latina*. Quito: CLAI, 2009.

ZWETSCH, Roberto E. *Teologia e prática da missão na perspectiva luterana*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2009.